

OXIGÊNIO

OUTUBRO 2024

o

NÚMERO 62

O FABULOSO UNIVERSO DE BRÍGIDA BALTAR



EDITORIAL

PONTUANDO POESIAS

Brígida Baltar começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa ateliê, na zona sul do Rio de Janeiro. Ao longo de sua carreira, interrompida em 2022, conseguiu *“capturar o impalpável, perseguir o intangível e subverter o óbvio”*.

A artista – considerada pioneira no conceito da escultura transitória no Brasil – colecionou materiais da vida doméstica e da vida íntima. Coletou neblina, orvalho, maresia, água de goteiras, poeira de tijolos...

E fazia arte. Em várias linguagens.

Em vídeo, performances, instalações, desenhos e esculturas ocupava espaços inesperados; mobilizava memórias e sensações e transpirava poesia.

Brígida Baltar: pontuações, exposição recém inaugurada no Museu de Arte do Rio – capa desta edição – promove um passeio pela trajetória da artista que foi personagem de suas próprias fabulações. A mostra celebra o legado de Brígida para a arte brasileira e convida o público a adentrar na sua vasta reflexão poética.

Boa leitura!

Capa: Brígida Baltar, *Autorretrato com tecido favo*

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Lúcia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: “*Nebulosa de Baco*” reinaugura Teatro I do CCBB Rio | “*Fantasiada Exposição da Palavra*” | Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, abre novas inscrições para seleção de crianças e jovens a partir do dia 14 | Dia 25 Oswaldo Montenegro apresenta show extra no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília | Monólogo com Analu Prestes leva à cena conto de Lygia Fagundes Telles pela primeira vez | Grupo Magiluth comemora 20 anos com estreia de Édipo REC no Sesc Pompeia, SP

13

MATÉRIA DE CAPA: Brígida Baltar – Pontuações

18

“*Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil*” no CCBB RJ

26

“*Oníricas*” – Luiz Pizarro

30

“*Dados, mapeamentos e circuitos expressos*” – Individual de Marcela Crosman na Aura Galeria, SP

37

Fernanda Leme apresenta panorama de sua trajetória na Z42 Arte, RJ

41

MIS Campinas recebe “*Territórios*”, exposição da artista visual Marcia Gadioli

43

“*Histórias Particulares*” de Monica Barki

47

“*Expansivos*”, de Marcus Vinicius

50

“*Sólido Volátil*”, de Luciana Rique

52

Rosana Paulino celebra 30 anos de carreira com a exposição “*Novas Raízes*” na Casa Museu Eva Klabin, RJ

56

Terra de Gigantes – Mostra que exalta a força de artistas e lideranças negras e indígenas, no Sesc São Paulo

62

FLIP – 22ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty acontece de 9 a 13 de outubro. Veja a programação das mesas literárias



Foto: Maringas Maciel

“Nebulosa de Baco” reinaugura Teatro I do CCBB Rio

Com texto inédito do dramaturgo Marcos Damaceno, a estreia nacional de “Nebulosa de Baco”, em 11 de outubro, marca a reinauguração do Teatro I do CCBB Rio. Em cena, Rosana Stavis e Helena de Jorge Portela

Nebulosa de Baco é o novo espetáculo da Cia.Stavis-Damaceno, dirigido por Marcos Damaceno. A dramaturgia parte da “confusão” provocada pelo excesso de informações e situações que acontecem simultaneamente, disparadas o tempo todo por todos os tipos de mídia. O texto discute as manipulações mentais e os abusos emocionais desse “assédio midiático”.

No espetáculo, duas mulheres – que também são atrizes – revelam as próprias fragilidades e insegura-

ranças, ao mesmo tempo em que trabalham para viver as personagens de uma peça que se equilibra entre o riso e o choro, em meio a confusões e ansiedades presentes na vida de todos.

“Em um mundo onde tudo cada vez mais é fake, não só a inteligência é artificial, mas tudo é artificial: ninguém mais sabe direito o que é real, o que é artificial, se o que aconteceu é fato, se foi inventado, se tem algum grau de manipulação ou se é uma mera narra-

tiva. Ou se tudo é narrativa e as verdades simplesmente não existem, porque tudo é narrativa”, reflete a atriz Rosana Stavis.

A encenação traz características que são próprias de Marcos Damaceno, como o ritmo vertiginoso de pensamentos aparentemente desordenados e a confusão como um sentimento, um estado mental cada vez mais presente nos dias de hoje. *“Todas as nossas peças se passam dentro de cabeças confusas e ansiosas. Claro que a gente joga uma pitada de humor. Sem humor a vida seria insuportável”,* comenta Marcos Damaceno. *“Toda pessoa imersa em nossos dias é uma pessoa confusa, e ansiosa, eu acho”,* brinca.

“O nome do espetáculo tem inspiração na astronomia e na mitologia: as nebulosas são onde nascem as estre-

las e o “Nebulosa de Baco” da Cia.Stavis-Damaceno é o lugar onde nascem as estrelas de teatro, sendo Baco o Deus do teatro”, conclui o diretor.

SERVIÇO

“Nebulosa de Baco”

Temporada: 11 de outubro até 24 de novembro

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro I

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações: 21 3808-2020 | ccbbrrio@bb.com.br

Dias/Horários: quarta à sábado às 19h e domingo às 18h

Valor do ingresso: R\$ 30 (inteira) e R\$15 (meia-entrada)

Estudantes, maiores de 65 anos e Clientes Ourocard pagam meia entrada.

Ingressos adquiridos na bilheteria do CCBB ou antecipadamente pelo site <https://ccbb.com.br/rio-de-janeiro>

Duração: 80 minutos | *Classificação:* 18 anos



Foto: Thaís Grechi

“Fantasiosa Exposição da Palavra”

Novo espetáculo da dramaturga e atriz Cecilia Ripoll, em cartaz no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, RJ, reflete sobre a relação que temos com as palavras em um mundo dominado pelas imagens

Em um mundo dominado pela imagem nos meios de comunicação, estariam as palavras perdendo sua força vital? Ou será que, ao contrário, estariam ficando ainda mais fortes, pois cada vez mais raras? No espetáculo *“Fantasiosa Exposição da Palavra”* – que conta também com a direção de Juliana França – a atriz e dramaturga Cecília Ripoll propõe uma reflexão sobre o impacto gerado pela invasão dos símbolos no campo das palavras.

“Gifs, emojis, figurinhas e todos os tipos de símbolos são atualmente parte ativa de nosso vocabulário e de nossa comunicação. E qual impacto que isso tem sobre as palavras?”, questiona Cecília Ripoll. *“Se pudéssemos perguntar às letras, às sílabas e às frases como é que elas estão se sentindo, suponho que as respostas seriam plurais, e é essa pluralidade de perspectivas e de sentimentos que constitui o texto da peça. Algumas palavras são saudosistas, outras amantes das transformações. No entanto, de uma forma ou de outra, todas estão sofrendo com algo que identificam como ‘a financeirização da língua’, fenômeno decorrente do uso dos símbolos estar tanto na base da comunicação humana quanto nas transações financeiras virtuais”,* acrescenta.

Na peça, a palavra é vista por ângulos, perspectivas e temporalidades diversas, criando metáforas sobre história, sociedade e relações afetivas. A estrutura se inspira livremente em *“O Banquete”*, de Platão, em que os personagens expõem suas visões sobre o amor em pequenos discursos – já na peça, os discursos, as homenagens e as indagações giram em torno da palavra.

“Fantasiosa Exposição da Palavra” reúne desde histórias fictícias sobre a vida das letras antes de terem vínculo empregatício com as sílabas até reflexões mais atuais, que focam na veloz circulação da palavra no mundo virtual ou sobre o que muda para uma palavra quando ela vem acompanhada de uma hashtag. *“Uma das premissas básicas do teatro é a imaginação. Por*

isso, apostamos nas letras e nas palavras como instrumentos provocadores da imaginação. São elas que traçam e tentam dar conta de contar, entender e resolver o seu grande problema: a relação com a humanidade”, explica a diretora Juliana França.

Depois de anos sem atuar regularmente, a dramaturga resolveu voltar à cena neste trabalho autoral e íntimo, já que as questões tratadas permeiam há muito tempo o seu imaginário. *“Existe, por exemplo, uma passagem que eu imaginava quando tinha uns 9 ou 10 anos. Uma cena em que as letras transitam de forma caótica pela atmosfera, gerando formas e sons inusitados. Então, como é um universo que vem se criando em mim há tanto tempo, achei que seria importante eu mesma dar som e forma com meu corpo para essa dramaturgia”,* revela Cecília. *“Além disso, existe a ideia de uma certa interação com o público, que é convidado (mas nunca intimado!) a interferir na cena, aqui e ali, de forma pontual. Essa proposta de interação faz com que eu sinta necessidade de editar a dramaturgia ao vivo, e promove sutis alterações no dia, a depender das intervenções externas, por isso digo que há uma dramaturgia viva em movimento”* completa.

SERVIÇO

Fantasiosa exposição da palavra

Até 20 de outubro

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto / Sala Preta

Rua Visconde de Silva, ao lado do nº 29, Humaitá,

Rio de Janeiro / RJ | Tel.: (21) 2535-3846

Dias/Horários: sextas e sábados, às 19h; domingos às 18h

Ingressos: 40 (inteira) e R\$ 20 (meia-entrada)

Capacidade: 25 pessoas | Duração: 55 minutos

Classificação etária: 12 anos

Venda de ingressos: pelo site <https://riocultura.eleventickets.com> e na bilheteria do centro cultural, de quarta a domingo das 15h às 21h



Foto: Daniel Ebendinger

Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, abre novas inscrições para seleção de crianças e jovens a partir do dia 14

A mais antiga instituição pública de ensino de Dança Clássica do país, a tradicional Escola Estadual de Dança Maria Olenewa (EEDMO), abre inscrições de novos alunos para o ano de 2025, entre os dias 14 a 30 de outubro. A Escola é gratuita e durante os nove anos de curso o aluno terá acesso a aulas práticas e teóricas, até a sua formação.

Juliana Valadão, Primeira Bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, formada pela EEDMO, fala

da importância da Escola em sua vida: *"Ser formada pela Escola Estadual de Dança Maria Olenewa é um grande privilégio. Tive professores maravilhosos que me ensinaram tudo e me prepararam para entrar em qualquer companhia profissional do mundo. Aprendi sobre ballet, aprendi a ter disciplina, pontualidade, sobre agir com profissionalismo e respeito. Respeito aos profissionais e principalmente a arte! E a arte mudou a minha vida!"* – conclui Juliana Valadão.

Hélio Bejani, diretor da escola, destaca: *“A EEDMO é uma instituição quase centenária que vem ao longo dos anos aprimorando seus ensinamentos e acompanhando a evolução dos tempos. Sempre mantendo o pensamento e o propósito da Mestre Maria Olenewa em transformar a escola num celeiro de bailarinos para atender, principalmente, ao Ballet do Theatro Municipal. Importante destacar que, juntamente com um ensino de excelência em ballet clássico, nossa equipe de educadores tem o compromisso de transformar vidas através da arte.”*

SERVIÇO

Processo Seletivo EEDMO – 2025

Período de inscrições: 14 a 30 de outubro

Moças e rapazes com idade entre 8 e 21 anos

Documentos necessários:

2 fotos 3x4

Certidão de Nascimento (Fotocópia)

Atestado Médico (Original)

Atestado de Escolaridade (Original)

Comprovante de Residência (Fotocópia)

Taxa de inscrição: R\$50,00

(Pagamento da taxa de inscrição do preliminar ao pré-técnico via

PIX - Associação dos Amigos da Escola de Dança Maria Olenewa

PIX - CNPJ: 29.411.618/0001-26)

Avenida Almirante Barroso, nº 14/ 3º andar

Prédio Anexo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Atendimento de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h

às 16h, CEP: 20031-000

Informações: Instagram da EEDMO – [@mariaolenewa](https://www.instagram.com/mariaolenewa)

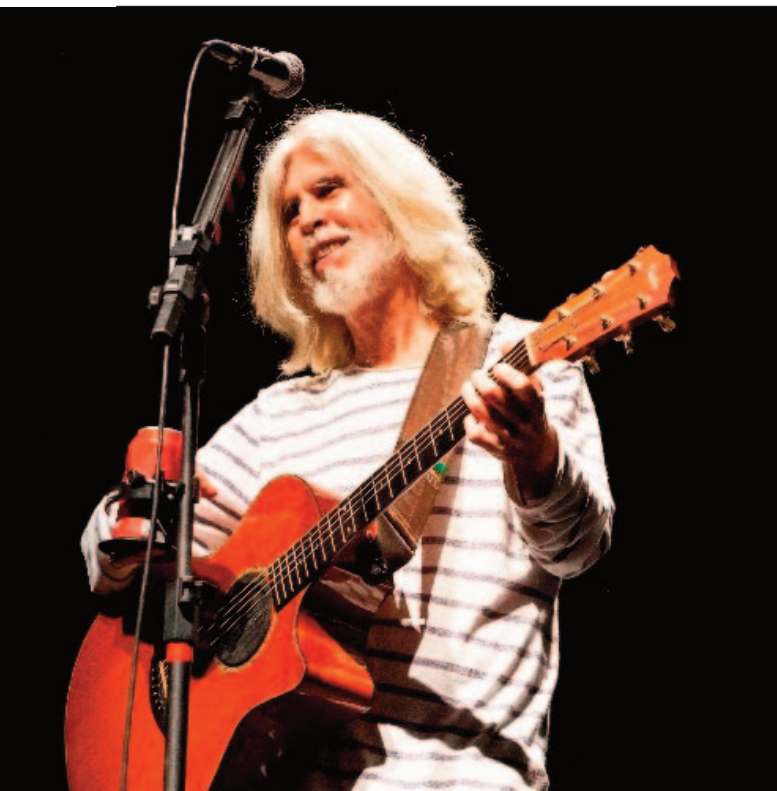


Foto: Divulgação

Dia 25 Oswaldo Montenegro apresenta show extra no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília

Comemorando 50 anos de vida artística, Oswaldo Montenegro apresenta espetáculo onde interage com imagens de sua vida e carreira. Na celebração o menestrel toca simultaneamente mais de um instrumento: no palco, se reveza entre os violões de 6 e de 12 cordas; nas imagens projetadas no telão aparece ao piano

Sucessos como “*Bandolins*”, “*A Lista*”, “*Lua e Flor*”, “*Intuição*” e as recém-lançadas “*Lembrei de Nós*” e “*O melhor da vida ainda vai acontecer*”, misturam-se às histórias e cenas virtuais, que revelam as origens das canções, expondo segredos das inspirações e aventuras do artista.

O show conta ainda com a presença da eterna parceira de andanças, Madalena Salles, a flautista-irmã do Menezes; do multi-instrumentista Alexandre Meu Rei, e do também multi-instrumentista Milton Guedes, artista que começou com Oswaldo e volta a tocar com o mestre.

Oswaldo Montenegro partiu para a estrada aos dezesseis anos, onde fixou residência. Em suas constantes

viagens jamais parou de criar. Tornou-se um trovador contemporâneo que parece viver dentro da arte. Nessa comemoração dos 50 anos de estrada acontece a consagração do artista que marcou a cultura brasileira com uma trajetória muito original.

SERVIÇO

Oswaldo Montenegro celebrando 50 anos de estrada

25 de outubro, sexta-feira, 21h30

Centro de Convenções Ulysses Guimarães

SDC – Ulysses Guimarães, Brasília / DF

Ingressos em <https://www.bilheteriadigital.com/oswaldo-montenegro-celebrando-50-anos-de-estrada-show-extra-em-brasilia-25-de-outubro>

Classificação Indicativa: 14 anos



Foto: Alexia Maltner

Monólogo com Analu Prestes leva à cena conto de Lygia Fagundes Telles pela primeira vez

*Senhor Diretor tem idealização, dramaturgia
e direção de Silvia Monte, e ocupa o Espaço Abu,
RJ, de 4 de outubro a 10 de novembro*

Vencedora do Prêmio Camões, honraria máxima da literatura em língua portuguesa, e primeira mulher brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura, Lygia Fagundes Telles (1918-2022), teve algumas de suas obras adaptadas para cinema, televisão e, curiosamente, poucas para o teatro – entre elas o multipremiado romance *As Meninas* (1973).

A partir do dia 4, no entanto, o público poderá conferir a encenação de outro trabalho da autora, o conto *Senhor Diretor* – extraído do livro *Seminário dos Ratos*, de 1977. Protagonizada por Analu Prestes, a adaptação é realizada pela diretora Silvia Monte, que no mesmo espaço realiza o ciclo mensal Leituras em Cena. O programa com leituras dramatizadas de textos literários, sempre nas últimas terças do mês, ganhou em agosto uma edição especial dedicada à obra de Lygia, que, assim como o espetáculo, segue até novembro.

“Ao reler os contos de Lygia para a programação de Leituras em Cena, me deparei com ‘Senhor Diretor’ e pensei imediatamente na Analu Prestes para viver a heroína da história. E foi exatamente o desejo de possibilitar o encontro de duas grandes artistas brasileiras amantes da palavra – Lygia e Analu – que me fez querer encenar esta obra”, celebra Silvia Monte. Ela conta que convidou a atriz para a leitura de *Senhor Diretor* em maio, e que o arrebatamento da plateia foi o incentivo final para a montagem do espetáculo.

“Fiquei completamente fascinada ao ler esse conto. E uma das coisas que me encantou nesse projeto foi trazer a literatura para a cena – ao levar uma obra literária para o teatro você estimula o público, mesmo quem não tem muito o hábito de ler, a mergulhar na literatura, o que é maravilhoso”, vibra Analu.

No cenário minimalista composto apenas por uma cadeira e assinado por Analu Prestes (assim como o figurino), a professora aposentada Maria Emília passeia pelas ruas de São Paulo no dia de seu aniversário de 62 anos e se choca ao ver a capa de uma revista com um casal seminu enlaçado, estopim para sua indignação com o caos em que vê a sociedade mergulhada. Decide, então, escrever uma carta ao diretor do Jornal da Tarde para expor sua revolta; à medida em que mentalmente elabora a carta, tem seu pensamento disperso entre

recordações e impressões sobre os acontecimentos à sua volta.

No intimista Espaço Abu, de apenas 40 lugares, a proximidade da plateia com a cena é um dos trunfos da montagem, segundo a diretora: *“Assim como nas leituras, será possível criar uma maior cumplicidade e reforçar o clima de testemunho da personagem com os espectadores, todos transformados no Senhor Diretor”*.

A iluminação de José Henrique Moreira e a trilha incidental assinada por Yahn Wagner pontuam a história reforçando momentos importantes da trama.

SERVIÇO

Senhor Diretor – Monólogo com Analu Prestes

Temporada: de 4 de outubro a 10 de novembro

Espaço Abu

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 249, loja E, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Informações: (21) 2137-4182 / 4184 (15h às 19h)

espacoabu@gmail.com

Dias/Horários: sexta a domingo, às 20h

Vendas na bilheteria e online (www.sympla.com.br)

Duração: 50min | *Classificação indicativa:* 14 anos



Foto: Alexia Maltner



Foto: Estúdio Orra / Zé Rebelatto e Gabriela Passos

Grupo Magiluth comemora 20 anos com estreia de ÉDIPO REC no Sesc Pompeia, SP

Peça criada a partir do texto clássico de Sófocles reflete sobre o mundo contemporâneo dominado pelo excesso de imagens

Para celebrar duas décadas de uma pesquisa continuada, o grupo recifense Magiluth propõe uma reflexão sobre o mundo de hoje a partir de um grande clássico da literatura. O espetáculo *Édipo REC*, uma releitura do texto de Sófocles, fica em cartaz até dia 26 no Teatro do Sesc Pompeia, em São Paulo.

A peça, a 15ª da companhia, reforça a parceria do grupo com o encenador paulista Luiz Fernando Marques. “É o nosso quarto trabalho dirigido por ele. Brincamos que, na verdade, ele é um integrante de honra do Magiluth”, conta Giordano Castro, que assina a dramaturgia de *Édipo REC*.

No elenco estão Bruno Parmera, Erivaldo Oliveira, Giordano Castro, Lucas Torres, Mário Sergio Cabral e Pedro

Wagner. Há também a presença da atriz Nash Laila, parceira do Magiluth em trabalhos audiovisuais, como a série *Chão de estrelas* e o filme *Tatuagem*.

O REC do título faz uma referência direta ao Recife e à nomenclatura do audiovisual que significa “gravando”. Isso porque a peça explora um certo imaginário do Recife de 2024 e a logística de gravação presente desde o cinema da Era de Ouro. “E um dos aspectos que nos atrai nas pesquisas do Luiz Fernando Marques é justamente essa ponte com a Sétima Arte”, complementa.

SOBRE A ENCENAÇÃO

Édipo REC brinca com a cronologia, ou seja, os acontecimentos não seguem uma ordem linear. O grupo também optou por este caminho para questionar a noção

de tempo no teatro: como dimensionar algo que não é palpável?

Tudo começa com a alegria de um reino que vive seu momento de renascimento, marcado aqui pelo exagero, em um paralelo com a contemporaneidade, em que existe a produção excessiva de imagens, tanto as de câmeras de segurança quanto às capturadas pelos celulares para o compartilhamento nas redes sociais. Por isso o Coro é a câmera.

Em meio a uma tensão sutil, mas crescente, apresentam-se aqueles personagens que estão no imaginário literário há séculos: Édipo, Jocasta, Creonte, Tirésias, Corifeu, Coro e Mensageiro. Mas eles não estão sós. Na verdade, estão todos na convivência com outros corpos, de outros tempos, com suas pestes, seus enigmas, suas sinas.

Assim, o espectador acompanha um jogo cruzado de tempo e espaço. Tebas transforma-se em uma Recife-Pompeia fantasmagórica e presentificada. *“O público vivencia duas experiências: a primeira é essa grande celebração, quando Édipo tem esperança de fugir do próprio destino. Depois, as pessoas passam a acompanhar a tragédia em si, junto com o protagonista”*, afirma Giordano.

ÉDIPO E O CINEMA

Como a linguagem audiovisual era fundamental para a construção do espetáculo, o grupo logo foi buscar referências no cinema. E uma das primeiras e mais importantes inspirações foi o longa-metragem *Édipo Rex* (1967), do italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975). O filme também atualiza o mito de Sófocles, transferindo a história para a agitação urbana da Bolonha dos anos 1960, além de estruturar a narrativa na forma de flash-backs, mesma estratégia utilizada na peça. Outros

filmes que serviram de base para o trabalho foram *Hiroshima, meu amor* (1959), de Alain Resnais (1922-2014); *Cinema Paradiso* (1990), de Giuseppe Tornatore (1956-); *Cabaret* (1972), de Bob Fosse (1927-1987); e *Funeral das Rosas* (1969), de Toshio Matsumoto (1932-2017).

“Quando fizemos essa intersecção com a Sétima Arte, pudemos pensar sobre o poder da imagem. O Édipo acredita tanto nessa projeção que criou para si mesmo, de que é um tirano, que não consegue mais enxergar a sua verdadeira essência”, fala Luiz Fernando Marques. *“O mesmo acontece hoje, já que as pessoas montam as suas vidas para as redes sociais, independentemente daquilo que elas estejam de fato vivendo. E quanto mais elas editam o seu cotidiano, mais acreditam nessas imagens, deixando também de perceberem a si próprias”*, reflete.

Édipo REC questiona o papel do teatro e do cinema nos dias de hoje. *“Nos perguntamos se essas artes são capazes de dar conta de tantas dores e tragédias. E ao mesmo tempo, queríamos entender por que as pessoas saíam das suas casas para assistir a uma história tão antiga. Acreditamos que isso tenha a ver com uma necessidade humana de reproduzir e até de reviver grandes traumas”*, completa o diretor.

SERVIÇO

Édipo REC

Até 26 de outubro

Sesc Pompeia

Rua Clélia, 93, Pompeia, São Paulo / SP

Dias/Horários: quinta a sábado, 20h; domingos, 17h.

Exceto dias 6 e 27/10

Dia 12/10, sábado, 17h | Dias 9 e 23/10, quartas, 20h

Duração: 105 minutos | Classificação etária: 18 anos



Still do filme *Lá*, 2011/2019

BRÍGIDA BALTAR: PONTUAÇÕES

*Museu de Arte do Rio celebra vida e obra da artista que foi referência na arte brasileira.
Mostra reúne cerca de 200 obras, algumas inéditas*

Os gestos poéticos do universo de encantamento de Brígida Baltar (1959-2022), que mobilizam sensações, memória e afetividade, estão contidos em cada uma das 200 obras – 50 das quais inéditas – exibidas na mostra elaborada especialmente para o Museu de Arte do Rio.

Trata-se da maior exposição institucional dedicada à artista que foi capaz de capturar a efemeridade do tempo presente, perseguir o intangível e subverter o

óbvio, ocupando espaços inesperados e reunindo em sua obra elementos do corpo, da natureza, das paisagens e da própria moradia.

Realizada em parceria com o Instituto Brígida Baltar e a Galeria Nara Roesler, a exposição “*Brígida Baltar: pontuações*” conta com curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan e equipe MAR, além do curador convidado Jocelino Pessoa.



Autorretrato no espelho

Seis obras de Brígida Baltar que fazem parte do acervo do Museu de Arte do Rio estão na mostra que apresenta fotografias, vídeos, instalações, esculturas e memórias textuais da artista. *“É a primeira exposição póstuma a reunir esse conjunto tão significativo de obras. E tem esse nome, ‘Pontuações’, porque parte dos escritos da Brígida. Ela tinha uma consciência muito grande de que era preciso organizar as obras, gostava muito de conversar sobre isso. Num determinado momento ela passou a anotar tudo, foi dizendo como queria as escalas de impressão, quais obras deveriam ser*

refeitas e quais não. Muitas frases e reflexões da artista sobre as obras acompanham toda a exposição. Brígida foi uma artista de muito destaque no Brasil, uma artista como personagem de suas próprias fabulações, ela foi muito importante para a fotoperformance, videoperformance, influenciou muita gente em muitos lugares do país”, afirma o curador Marcelo Campos.

Dividida em duas salas, a exposição apresenta as séries produzidas por Brígida. No primeiro espaço são exibidas as suas relações com a casa e a família; na segunda sala são apresentadas as fabulações da artista. Toda a exposição foi concebida, produzida e montada com profissionais que tiveram vínculos com Brígida.

“Esta é uma das mais importantes exposições de Brígida Baltar: além do inédito número de obras reunidas, celebra o seu legado para a arte e convida o público a adentrar na sua vasta reflexão poética. Ao longo dos seus mais de 30 anos de carreira, ela elaborou imagens afetivas que aproximam a arte contemporânea do público. O pensamento da mostra possui uma forte influência da artista, que ao longo dos últimos anos dedicou-se a organizar a sua memória em cadernos e documentos e realizou encontros para iniciar o seu Instituto. ‘Pontuações’ expressa toda precisão registrada por Brígida: oferece ao público as suas memórias familiares e de infância e os personagens das fábulas de suas obras e filmes”, destaca Jocelino Pessoa, curador da mostra.

Brígida foi uma artista que fundou universos de encantamento e fantasia, habitados por seres imaginários e



Still do filme A Coleta da Neblina, 1999-2000/2019

objetos triviais do dia a dia que ganharam outros sentidos, flertando com o surreal. Uma mulher que desde os anos 1990 protagonizou parte da produção contemporânea em exposições nacionais e internacionais. Ao percorrer a exposição, o público entra literalmente no universo de Brígida Baltar.

“É uma exposição como se a gente tivesse caído num livro de fábulas, e ao mesmo tempo vemos uma capacidade imensa, uma competência imensa da artista, em tornar um elemento, uma ideia em uma obra, o que é muito raro. No caso de Brígida, ela escolhia os materiais, que ganhavam uma vida, uma história, uma narrativa, e que se vinculavam a questões muito próximas

a ela ou as pesquisas que ela desenvolvia. Brígida entendia os mecanismos para chegar na beleza. É uma exposição muito rara em torno da produção de uma artista, é a primeira vez que a gente teve mais acesso em um acervo, com peças inéditas, inclusive com um novo filme que também está na mostra”, revela o curador Marcelo Campos.

SOBRE BRÍGIDA BALTAR

O trabalho de Brígida Baltar (1959-2022, Rio de Janeiro, Brasil) transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados

na sua casa-ateliê, em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes.

As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar a neblina, o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas caricocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica desenvolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, Brígida se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

SERVIÇO

Brígida Baltar: pontuações

Até 5 de março de 2025

Museu de Arte do Rio – MAR

Praça Mauá, 5, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a domingo, das 11h às 18h
(última entrada às 17h)

Venda de Ingresso na bilheteria e/ou totens: 10h30 às 17h

Valor do Ingresso Inteira: R\$ 20,00; Meia-entrada: R\$ 10,00;
terças-feiras gratuitas

Mais informações em www.museudeartedorio.org.br



Outra queda

Foto: Claudio de Freitas



Still do filme Torre, 1996

“Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil” no CCBB RJ

*Exposição apresenta
mais de 300 obras de mais
de 200 artistas de todas as regiões
do país, além de documentos
e objetos, que dão um panorama
da década de 1980 no Brasil*

A mostra inédita “Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil” faz parte das comemorações dos 35 anos do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. Exibe um amplo panorama das artes brasileiras na década de 1980 e apresenta cerca de 300 obras de mais de 200 artistas de todas as regiões do país, assim como elementos da cultura visual da época (revistas, panfletos, capas de discos e objetos icônicos) que ampliam a reflexão

Leonilson, *Sem título (As ruas da cidade)*
Foto: Divulgação





Cristina Salgado, *Mulher TV*, série *Família Materialista*, 1982
Foto: Wilton Montenegro

sobre o período. Raphael Fonseca é o curador-chefe; Amanda Tavares e Tálisson Melo, os curadores-adjuntos.

A exposição ocupa todas as oito salas do primeiro andar do CCB RJ, dividida em cinco núcleos conceituais cujos nomes são músicas da década de 1980: *"Que país é este"* (1987), *"Beat acelerado"* (1985), *"Diversões eletrônicas"* (1980), *"Pássaros na garganta"* (1982) e *"O tempo não para"* (1988). No térreo, uma instalação com balões do artista paraense radicado no Rio de

Janeiro, Paulo Paes, ocupa o espaço da rotunda; e uma banca de jornal com revistas, vinis, livros e gibis publicados no período, com fatos marcantes da época, "convoca" o público a entrar no clima da mostra.

Considerando que os questionamentos e impulsos da década de 1980 começaram e terminaram fora do marco temporal de dez anos, *"Fullgás"* abrange o período entre 1978 e 1993, tendo como marcos o final do Ato Institucional número 5 e o ano posterior ao impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello. *"Ampliamos para a base de reflexões este arco de quinze anos e todas as suas mudanças estruturais e culturais para pensarmos o Brasil do fim da ditadura militar ao retorno à democracia que logo na sequência enfrentou o trauma de um impeachment"*, contam os curadores, que também selecionaram obras de artistas cujas trajetórias começaram neste período.

Nas artes visuais, a Geração 80 ficou marcada pela icônica mostra *"Como vai você, Geração 80?"*, realizada no Parque Lage, em 1984. A exposição no CCB celebra a importância deste evento e apresenta, inclusive, algumas obras que estiveram naquela exposição, mas vai além: em *"Fullgás"* somam-se às obras de Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Leonilson, Luiz Zerbini, Leda Catunda, entre outros, trabalhos de importantes artistas de fora do eixo Rio-São Paulo, como Jorge dos Anjos (MG), Kassia Borges (GO), Sérgio Lucena (PB), Vitória Basaia (MT) e Raul Cruz (PR), por exemplo, *"que também estavam produzindo importantes trabalhos naquele período histórico"*, afirmam os curadores, que citam também o Videobrasil, *"que*



Luiz Zerbini, *Os embaixadores do Oriente no Brasil*

Foto: Divulgação

destacava a produção de jovens videoartistas do país". Para realizar essa ampla pesquisa, a exposição contou também com um grupo de consultores de diversos estados brasileiros.

Além das obras de arte, diversos elementos da cultura visual da década de 1980, como revistas, panfletos, capas de discos e objetos que fazem parte da formação desta geração também estão presentes na mostra. *"Mais do que sobre artes visuais, Fullgás é uma exposição sobre imagem onde as obras de arte dialogam o tempo inteiro com a cultura visual da época, se apro-*

priando dos materiais produzidos pelas revistas, por emissoras de rádio e televisão, outdoors e elementos eletrônicos. Por isso, propomos incorporar esses dados, que praticamente são comentários na exposição; eles vão dialogando com os elementos que estão nas obras de fato", ressaltam Raphael Fonseca, Amanda Tavares e Tálisson Melo.

Para Sueli Voltarelli, Gerente Geral do CCBB Rio de Janeiro, *"é muito representativo realizarmos essa mostra no ano em que o CCBB comemora seu 35º aniversário. Ter esse olhar mais amplo sobre a pro-*

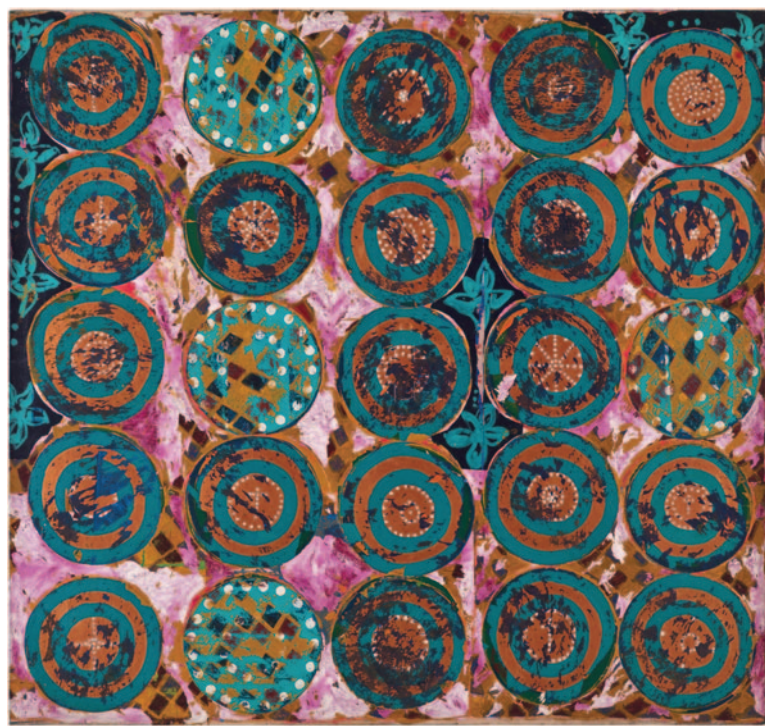


Alice Vinagre, *Ônibus circular ou o jogo de amarelinha*, 1984
Foto: Divulgação

dução artística dos anos 1980 se coaduna com o trabalho do próprio Centro Cultural, um equipamento que nasceu na nesta mesma década, com o compromisso de valorizar e amplificar as vozes de artistas de todo o Brasil, contribuindo para o acesso e para o processo de identificação e aproximação do público com a arte, promovendo a conexão de todos os brasileiros com a cultura”.

NÚCLEOS TEMÁTICOS

1 – “Que país é este” – Reflete sobre o fim da ditadura militar e a passagem para a democracia. “Traz questões relativas à política e à economia, debates em torno da



Beatriz Milhazes, *Com quem está chave do banheiro 10*
Foto: Manuel Águas & Pepe Schettino

Constituição, organização civil, variação das moedas, inflação e questões sobre violência, pensando na herança da década de 1970 e da ditadura militar”, contam os curadores. Neste núcleo estão movimentos negros, de mulheres, indígenas e seringueiros, além do movimento punk, vinculado a debates políticos e sociais, assim como os debates em torno da Constituição e da redemocratização.

2 – “Beat acelerado” – “Esse título remete ao corpo, à batida do coração, à empolgação, ao frenesi, e está mais em diálogo com artistas associados à pintura e



Leda Catunda, *Cérebro em stand*, 1988 Foto: Almeida & Dale Galeria de Arte

ao desenho, com a comemoração e a negação da austeridade da arte dos anos 1970, que era vista como muito racional”, ressaltam os curadores. Este é o maior núcleo da exposição e tem muitas obras onde a cor desempenha um papel central, como *“Com quem está a chave do banheiro 10?”* (1989), de Beatriz Milhazes, e *“Cérebro em stand”* (1988), de Leda Catunda, mas também vídeos e esculturas, que trazem a ideia de emoção, como *“Hommage aux marriages”* (1989), de Marcos Chaves.

3 – “Diversões eletrônicas” – Apresenta obras de artistas que mergulharam em um futurismo típico do momento histórico no qual a televisão desempenhou papel essencial, assim como as novas invenções tecnológicas e o desejo pela expansão aeroespacial. “É a



Mônica Nador, *Mamãe Natureza*, 1990

Foto: Filipe Berndt

experimentação no campo da arte a partir do acesso a determinadas mídias eletrônicas, computadores, fotografias, vídeo cassete e walkman, por exemplo”, afirmam. Entre as obras, *“Painel de controle”* (1987), de Luiz Hermano, e *“Carro”* (1980), de Jailton Moreira; e pinturas que incorporam a TV, como uma série de trabalhos em xerox, de Alex Vallauri e *“Família materialista”* (1982), de Cristina Salgado.

4 – “Pássaros na garganta” – Neste núcleo estão presentes artistas que observavam mais a natureza e as discussões ecológicas do momento, assim como questões relativas à propriedade de terra e as consequências trágicas do capitalismo selvagem. *“Lacrima Christie”* (1989), de Cristina Canale, *“O pranto dos animais II”* (1989), de Hélio Melo, e *“Bar-*

ranco" (1982), de Jacqmont, compõem esse segmento junto com trabalhos que alertam para as questões ambiental e indígena, como a pintura da série *"Césio 137"* (1986), de Siron Franco, e os estudos para mosaico do Palácio da Cultura de Eliezer Rufino, feitos a partir de uma cultura visual de herança indígena, além de esculturas como *"Totens"* (1989), de Vitória Basaia.

5 – "O tempo não para" – Reflete sobre a passagem do tempo, conectando-se também com o nome da exposição, *"Fullgás"*, música de Marina Lima. Integram

este núcleo trabalhos como *"Mapa a cores"* (1987), de Ana Amorim, *"Coluna de cinzas"* (1987), de Nuno Ramos, *"As ruas da cidade"* (1988), de Leonilson, *"Entre céus e ruínas"* (1992), de Leila Danziger, além das *"Polaroids"* (1980), de Fernando Zarif, e do vídeo *"O profundo silêncio das coisas mortas"* (1988), de Rafael França, entre outras.

SOBRE OS CURADORES

Raphael Fonseca – Nasceu no Rio de Janeiro e vive em Denver, EUA. É pesquisador da interseção entre curadoria, história da arte, crítica e educação. Trabalha

Leila Danziger, *Entre céus e ruínas*

Foto: Divulgação





Helio Melo, *O pranto dos animais II*, 1982

Foto: Almeida & Dale Galeria de Arte

como curador de arte moderna e contemporânea latino-americana no Denver Art Museum desde 2021. Curador-chefe da 14ª Bienal do Mercosul, a acontecer em 2025. Doutor em Crítica e História da Arte pela UERJ. Recebeu o Prêmio Marcantonio Vilaça de curadoria (2015), o prêmio de curadoria do Centro Cultural São Paulo (2017), recebeu uma bolsa da Andy Warhol Foundation para a exposição *“Who tells a tale, adds a tail”* (Denver Art Museum, 2022), além de uma bolsa da Teiger Foundation para uma futura exposição sobre Roberto Gil de Montes, a ser realizada em co-curadoria entre o Denver Art Museum e o Los Angeles County Museum of Art (LACMA, junto a Rita González).

Amanda Tavares – Nasceu em Ipatinga-MG e mora entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Atua como pesquisadora e curadora em exposições e publicações de arte, além de projetos experimentais que relacionam arte e educação. É pós-doutora em Artes pela UERJ e doutora em Crítica e História da Arte pela mesma instituição. Mestre em teoria literária pela UNICAMP e graduada em Letras pela UFJF. É coordenadora editorial na 14ª Bienal do Mercosul. Foi membro do Júri Open Lisboa, na Arco – Feira de Arte Contemporânea (Lisboa, 2024). Em 2022-2023, foi contemplada com a Bolsa Masp Pesquisa-MASP, destinada à pesquisa e difusão do acervo do MASP. Foi pesquisadora de con-



Daniel Senise, *Sem título (Ossos em cruz)*
Foto: Divulgação

teúdo e assistente de curadoria no projeto de requalificação do Sítio Burle Marx (exposição e livro institucional) (2019-2020).

Tálisson Melo – Nasceu em Juiz de Fora-MG e vive em São Paulo. Curador, pesquisador e professor. Pós-

doutorando no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio na Yale University, EUA. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também se graduou bacharel em Artes e Design, com concentração em História da Arte pela Universidad de Salamanca, Espanha. Em 2023, foi selecionado pelo prêmio de jovens curadores da OMA galeria. Ganhou o prêmio de melhor exposição (regional Centro-Oeste, 2023) da Associação Brasileira de Crítica de Arte (ABCA) pela exposição coletiva "*Atualização do Sistema*", organizada pela Academia de Curadoria em parceria com a FAP-DF e o Museu Nacional da República.

O projeto é patrocinado pela BB Asset, gestora de fundos do Banco do Brasil, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

SERVIÇO

Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil

2 de outubro de 2024 a 27 de janeiro de 2025

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

R. Primeiro de Março, 66, 1º andar, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações: (21) 3808.2020 | ccbbrio@bb.com.br

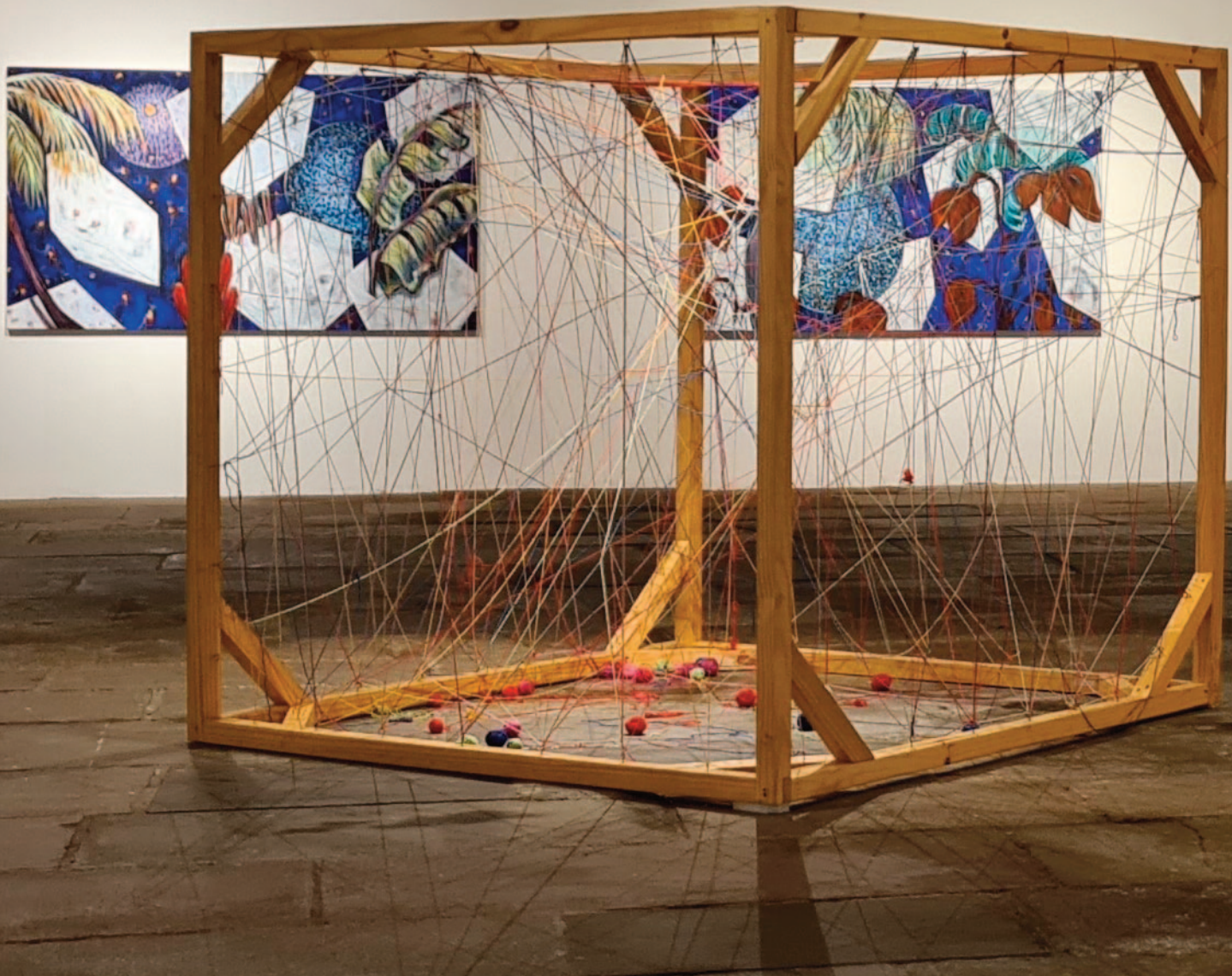
Dias/Horários: de quarta a segunda, das 9h às 20h

Fechado às terças-feiras

Classificação indicativa: livre | Entrada gratuita

Ingressos disponíveis na bilheteria física ou pelo site do

CCBB – bb.com.br/cultura



Cubo dos desejos

Foto: Divulgação

“ONÍRICAS” – LUIZ PIZARRO

Exposição que ocupa quatro espaços na Cidade das Artes, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, conta com a participação do público como parte da obra

Oníricas trata do desejo de um mundo mais harmônico, forjado no humanismo, na arte, na beleza e no fazer. Além de novas pinturas da série “*Metapaisagens*”, exposição realizada no Paço Imperial em 2023, Pizarro apresenta instalações interativas/colaborativas e outras proposições artísticas. Mesmo não sendo uma retrospectiva, a mostra é uma das mais relevantes da trajetória do artista.

Ocupando as duas galerias do espaço, além do saguão de entrada para os teatros e a área externa coberta, o artista exibe 15 pinturas em acrílica sobre telas de médios a grandes formatos, produzidas entre 2023 e 2024, e três grandes instalações interativas e colaborativas.

Outras três proposições artístico-educacionais também contam com a participação do público para sua realização.

A mostra fica em cartaz gratuitamente até o dia 3 de novembro; em março seguirá para o Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz, no Museu Comunitário Palacete Princesa Isabel, também na Zona Oeste da cidade. Pizarro, que também é professor de desenho e pintura no Parque Lage, prepara-se para o lançamento do livro sobre Educação através da Arte, com ênfase em sua experiência como educador principalmente em museus como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), onde ocupou o cargo de Curador de Educação de 2013 a 2020.



Ambas as obras: *Sem título*, 2024

Fotos: Divulgação

INSTALAÇÕES

Cubo dos Desejos

Trabalho interativo e colaborativo, cuja execução conta com a participação do público. A partir de um cubo de arestas em madeira, os visitantes passam barbantes coloridos por tantos pontos e ganchos quanto forem as letras de seu nome, pensando num desejo para o planeta. Ao final de várias intervenções, surgem tramas de fios coloridos que registram e simbolizam todos os nomes e desejos dos que por ali passaram.

Tarrafas ao Mar

Trabalho também interativo e colaborativo no qual o artista provoca uma reflexão sobre os significados de amar e confiar. A partir de uma rede de pesca suspensa no espaço da sala de exposição, cada visitante é convidado a anotar num post it, da cor preferida, o nome de uma pessoa que ame e o nome de uma pessoa que confie. O objetivo é observar que amar e confiar nem sempre são sentimentos conjugados na mesma pessoa. O post-it com os nomes é colocado numa pequena gar-

Tarrafas ao mar

Foto: Divulgação



rafa plástica e pendurada em local de escolha do visitante na rede de pesca.

Contornos do Ocaso

Instalação inédita, imersiva, composta de 25 “pergaminhos”, cada um com cinco imagens (monotipias em papel seda branco de ladrilhos desbotados da piscina onde o artista costuma nadar), além de folhas secas de sua própria casa, abordando o acaso da transformação da matéria pelo tempo e da construção de novas imagens a partir dessa desconstrução temporal. Exposta como uma floresta flutuante no espaço da sala de exposição, permite que o visitante circule através dela vivenciando diferentes perspectivas do olhar sobre a obra e sobre si mesmo dentro dela. O *Ocaso*, declínio do sol, ou em livre interpretação poética o fim de algo, significa, segundo o artista, o retorno de outras possibilidades de vida, de recomeço. *“Como o sol que renasce a cada ocaso, a vida recomeça a cada momento*



Sem título, 2024

Foto: Divulgação

de desconstrução dela mesma, como novos estímulos que surgem pelo desaparecimento do que era tido como perene e real”, afirma.

Em *Oníricas*, Pizarro também promove ações “sócio-emocionais”, a partir de ativação de outros trabalhos e proposições artísticas para o público, entre os quais desenho cego e música e desenho de rosto concomitante através de vidro do espaço com impressão em papel seda para ser presenteado. Finalizando, propõe que o público se posicione com relação a alguma das obras de sua preferência e, a partir de uma selfie, participe da confecção de mais uma monotipia com sua própria imagem ali registrada.

SERVIÇO

“Oníricas” – Luiz Pizarro

Até 3 de novembro

Cidade das Artes Bibi Ferreira

Av. das Américas, 5300, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de quinta a domingo, das 13h às 19h

Agendamento de grupos escolares, ONGs e outras

instituições de apoio sócio-educacional pelo email

oniricasexpo@gmail.com

Instagram do artista: [@pizar_ro12](https://www.instagram.com/pizar_ro12)

Classificação livre | Entrada gratuita

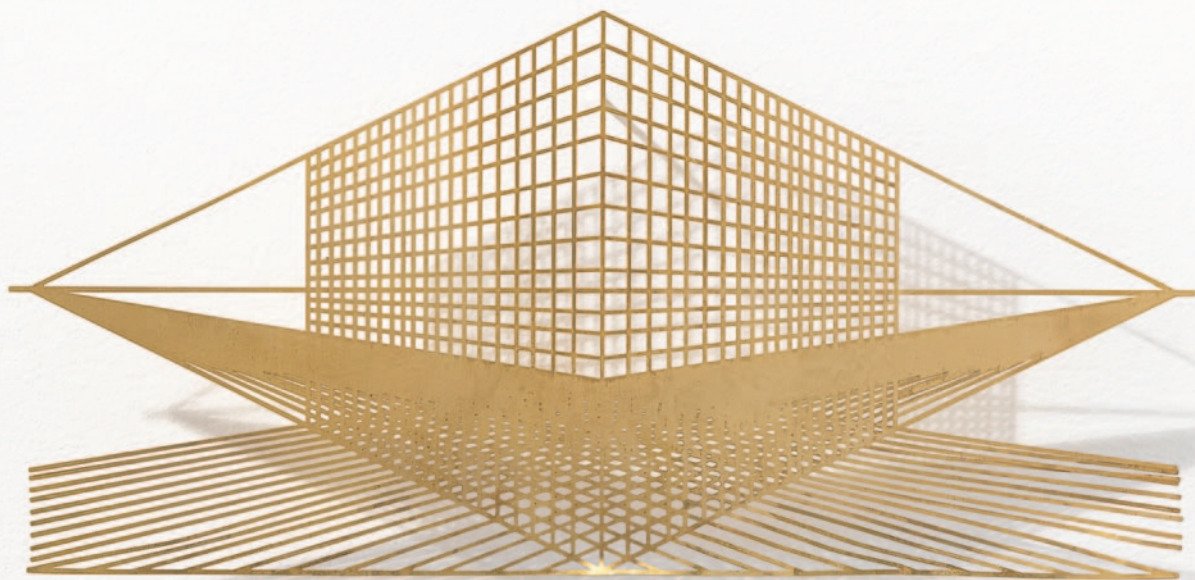


Sem título,
2024

Foto:
Divulgação

“Dados, mapeamentos e circuitos expressos”

Individual de Marcela Crosman na Aura Galeria, SP



Dados, padrões e probabilidades, 2018

Edição: 3 + pa

Com texto crítico de Agnaldo Farias, a exposição parte de impasses atrelados às tensões entre criatividade e automação, esgarçando perguntas quanto aos processos de construção digital da imagem plástica e de exercícios de repetição e saturação ensaiados por modelos artificiais. Ao se envolver em tramas algorítmicas alusivas aos mapeamentos frenéticos que reordenam o papel autônomo da es-

colha em nome de percursos enviesados, Marcela se volta ao preâmbulo desses circuitos e coloca em xeque a própria lucidez que conduz a fantasiosa cisão entre real e digital enquanto paralelo de realidade e ficção. Já afrouxadas as distinções, os maniqueísmos caducam e a realidade esbanja o movimento contrariado de certo desajuste bem resolvido que desaba essas convenções.

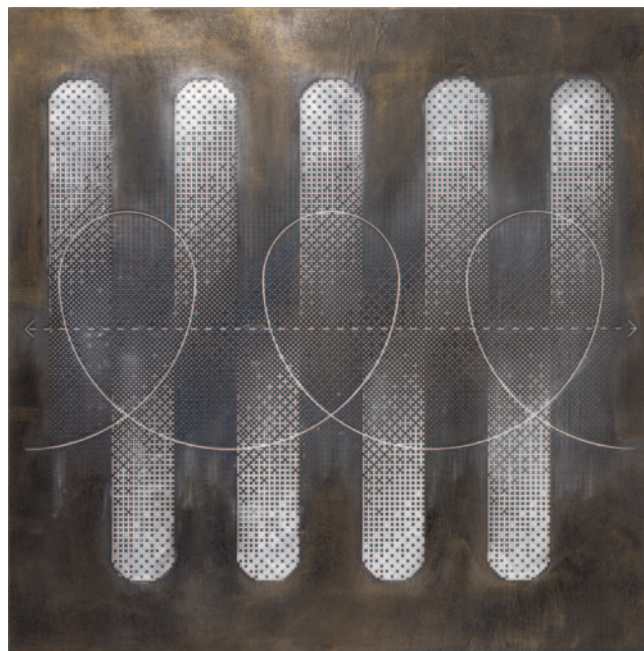


Quanta XV, 2024

Edição: 3 + pa

Se o *grid*, enquanto estrutura vital da arte moderna, aponta para direções opostas de compreensão – da pretensa purificação do *tableau* na sua relação com o mundo, por um ângulo, que o tornaria um todo em si mesmo e, por outro lado, como parte de uma totalidade maior da qual ele se edifica enquanto fragmento de relações mais amplas –, Marcela parece recorrer sempre a trabalhos que se constituem enquanto unidades integrantes do mundo. Seja na tridimensionalidade falseada garantida pela série *Quanta*, que soa como um trocadilho às narrativas teleológicas do plano

que deram chão a todo um setor da crítica de arte modernista, ou nos stills tridimensionais baseados em vídeos montados num espaço digital e inteiramente planar, de *Meio da Jornada*, os trabalhos exercitam algo de uma vocação entrópica que desorienta os termos dados. Afinal, em que medida ainda há algum sentido em especular sobre a realidade sem pensar o espaço digital enquanto campo ativo da sua integridade? E até que limite as convenções modernas ainda dão conta do discurso sobre arte?



Metagraph IV, 2024

Edição: 3 + pa

SOBRE A ARTISTA

Marcela Crosman transita entre dinâmicas alternativas à realidade datificada. Com objetos tridimensionais e instalações, materializa circuitos críticos – hastes, planos e vetores moldados – que exercitam uma espécie de válvula de escape às direções indicadas por algori-



Sistêmica,
2024
Edição: 3 + pa

tmos. Ao lidar com os paralelos entre tecnologia digital e design, esboça protótipos de colaboração criativa com sistemas de Inteligência Artificial e investiga a complexidade dúbia dessa relação entre criatividade e automação. Feito máquina, a vida em um mundo dominado por certa obsessão produtivista colide em determinado tapume nivelador de produzir a existir: consente ao digital o domínio sobre o concreto. E a pesquisa de Marcela, por sua vez, parece procurar por um trato mais horizontal desse nexos. Máquina e comunicação visual são capazes de habitar conjuntamente o mundo. Se, cada vez mais, a vida migra para uma realidade ficcional, os trabalhos de Marcela parecem ainda crer em uma experiência concreta no mundo pós-digital.

Carioca (1983), vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ. Doutoranda em Artes e Design pela PUC-Rio, participou de exposições como *"Futurível"* (Aura Galeria, São Paulo,

2023); *"Chapel of Tears"* (Wilmington, Delaware/EUA, 2023); *"Mátria"* (Parque das Ruínas, Rio de Janeiro, 2022); *"Mostra coletiva EAV"* (Parque Lage, Rio de Janeiro, 2021); *"Estéticas"* (Parque das Ruínas, Rio de Janeiro, 2022), *"Ocupação"* (Casa França Brasil, Rio de Janeiro, 2019); *"Imaterial"* (Casa Voa, Rio de Janeiro, 2018); dentre outras. Teve, durante a edição de 2023 da ArtRio, um trabalho selecionado para compor a coleção do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA, Rio de Janeiro).

TEXTO CURATORIAL DE AGNALDO FARIAS

Fundamento do trabalho de Marcela Crosman, a Inteligência Artificial – IA, tanto atrai quanto assusta. A história, contudo, também se presta a contrariar as mentes apocalípticas, as previsões aterrorizantes, ensinando que não é para tanto, que não se trata do fim dos tempos, ao menos não dessa vez, ou não por causa disso. É provável que seja o fim de alguns dos nossos

mundos, pois eles são muitos, isso sim. Sobre isso, basta lembrar a saga de Pius Mau Pailug, morador da Micronésia, que em 1976 navegou sozinho do Havaí ao Taiti, sem nenhum equipamento moderno; um mês guiado exclusivamente por sua memória e capacidade de ler o mar aberto, as correntes, as cores das águas, os pássaros e peixes, a posição das estrelas. Até onde se sabe foi o último portador dessa ciência; o último representante de um mundo.

Quanto a nós – e cuidado com a generalização que esse pronome carrega embutido – um dos mais representativos avatares de um novo mundo tenha sido o ciborgue *Model 101 – 800 series Terminator*, brilhantemente encarnado pelo Schwarzenegger em *O Exterminador do Futuro*.

Revoluções assemelhadas a essa provocada pelo IA, aconteceram inúmeras vezes. O nascimento da escrita, para ficar numa passagem vaga e obscura, colocou a memória, e com ela as técnicas mnemônicas, sob risco. Mnemosine, irmã de Cronos – o tempo, poderosa deusa grega que regia a memória, mãe das musas e das ciências, foi sendo progressivamente rebaixada. Pois Friedrich Nietzsche não via a coisa assim, antes o contrário: a perda da memória liberaria a razão do peso de ter que se lembrar. Graças a isso, conseguiu inventar uma nova forma de escrita, de fazer filosofia, de pensar.

Para os perplexos diante dos algoritmos generativos, capazes de responder a qualquer pergunta que se lhe faça, seja ela inteligente ou estúpida, conviria lembrar



Transitórias VII, 2024

Edição: 3 + pa

que as assim chamadas técnicas de tradução de um idioma para outro – *Natural language processing*, ou *NLP* –, de palavra para palavra, de imagem para palavra, de som para desenho etc, começaram quando o mundo passou a ser transposto para sons articulados, para desenhos nas paredes das cavernas, ou seja, quando se inventou a linguagem. A propósito desse tema, tem-se Octavio Paz: “o homem é um ser que se criou ao criar a linguagem”. Portanto, para quem imagina que a

relação conflituosa entre homem e máquina, remonta à Revolução Industrial, convém recuar ao primeiro instrumento produzido ou apropriado, dá no mesmo, entendido como extensão do homem. Defendendo a singularidade do instrumento livro, Jorge Luis Borges escreveu: *Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação.*

Seguindo a linha de raciocínio adotada até aqui, as obras apresentadas por Marcela Crosman, extraídas a partir de especulações sobre gráficos, diagramas, mapeamentos, varreduras, circuitos, somadas as múltiplas possibilidades abertas por programas de Design Generativo, programas voltados ao desenvolvimento de modelos paramétricos, têm a ver com a imaginação. Dizem respeito a expressão, à subjetividade da artista e a plasticidade do pensamento abstrato, deles não se deve procurar rebatimento no real, como se um mapeamento com pretensões de fidelidade ao objeto mapeado. O que está em jogo é a exploração da natureza dessa linguagem, exercício conectado com as



circunvoluções, meneios, tateios envolvidos na expansão da linguagem, nas traduções ocorridas, no lento processo dispendido na sua depuração.

As três peças que compõem *Dados, padrões e probabilidades*, de 2018, correspondem a três gráficos, não se sabe de quê, a qual fenômeno ou fenômenos correspondem. As regularidades dos intervalos entre as linhas horizontais sugerem um padrão repetitivo, e os picos existentes nos dois desenhos da direita, uma alteração, um pulso cujo ataque tem a mesma extensão da queda. Correspondem a alguma paisagem física ou algum sinal elétrico? Não se pode saber. Qual sua validade, então? Pense-se nas arquiteturas propostas por Frank Gehry e Zaha Hadid a partir do software CATIA, a flutuação dos planos curvos com que ambos a libertaram da linha reta e da ortogonalidade. No caso de Gehry, abusando da ironia ao aproximar a arquitetura do corpo de um peixe.

A aventura plástica proposta pela artista leva a pensar na liberdade da matemática no estabelecimento de abstrações da natureza ou na fixação de entidades dotadas de propriedade por meio de axiomas. A artista fazia a matemática pura e suas conjecturas desenvolvidas sem preocupações de aplicabilidade embora muitas vezes, inesperadamente, terminem sendo úteis. *Processa* e *Metagraph I, II, III, IV*, correspondem a gráficos. O primeiro deles, realizado em chapa de inox, refere-se a passagem de um grid para um pix, portanto, a sobreposição de dois sistemas de notação, quanto ao segundo, quatro chapas quadradas de latão recobertas

com nitrato de prata, compondo padrões geométricos, vale-se da utilização de dados criptografados, dados que foram codificados e que só podem ser lidos com chave de acesso.

Quanta XV, três peças de latão, será imediatamente reconhecido pelos físicos e admiradores da obra de Tunga, como um Toro, espaço topológico que tem o formato de uma aliança grossa, de uma câmara de pneu; enunciado de modo técnico, uma superfície plana, circular, rotacionando em torno de uma circunferência. No âmbito do eletromagnetismo, enrolando-se um fio no corpo de um toro metálico, aplicando-se sobre esse fio uma corrente elétrica, o Toro se converterá num ímã. O Toro, importante lembrar, tem correspondência com a Faixa de Moebius, alvo da atenção de Lygia Clark, a partir de seu trabalho *Caminhando*, de 1964.



Processa, 2024

Jacques Lacan, em seu texto *A topologia e o tempo* (Seminário 26), discorre sobre a passagem de um Toro em uma Faixa de Moebius.

A família de esculturas e relevos *Sistema Transitório II* e *Transitórias*, relacionam-se com diagramas de circuitos elétricos. Embora não façam sentido do ponto de vista de sua aplicação – não trazem a notação de capacitores, aterramentos etc –, referem-se a esquemas de condução de energia. Os escultores modernos, como Constantin Brancusi e Henry Moore, operavam sobre o corpo humano, reinventando-o, explorando-o, no caso de Moore, levando-a a uma espécie de fusão com a paisagem. A artista alude a paisagens internas, esquemas abstratos que são guias para a proposição de circuitos.

As esculturas pertencentes a série *Espécula*, todas elas chapas de inox recurvadas, parcialmente perfuradas, pela sua organicidade, aludem diretamente a corpos. Espéculos são instrumentos mediante os quais o médico pode examinar o interior de uma cavidade do corpo de um paciente. Para cada uma de nossas cavidades foram criadas várias espéculas. Mais uma vez, o que está em questão aqui não é a eventual utilização desses instrumentos mas o que sugerem. Colocando o problema em perspectiva, como os médicos de antigamente encarariam os instrumentos de agora? Faria-lhes sentido de imediato? Seria mais fácil reagir como os filmes de ficção científica mais fantasiosos, em que os nossos descendentes, atarantados, deparam-se com

naves espaciais alienígenas, cujos comandos e modos de funcionamento ignoram.

A visita a essa exposição de Marcela Crosman leva a pensar que mapeamentos e diagramas são convites feitos pela imaginação para viagens pelo vasto território da linguagem, constituído pela nossa capacidade de replicar e gerar novos mundos.

SERVIÇO

“Dados, mapeamentos e circuitos expressos”

Marcela Crosman

Até 1º de novembro

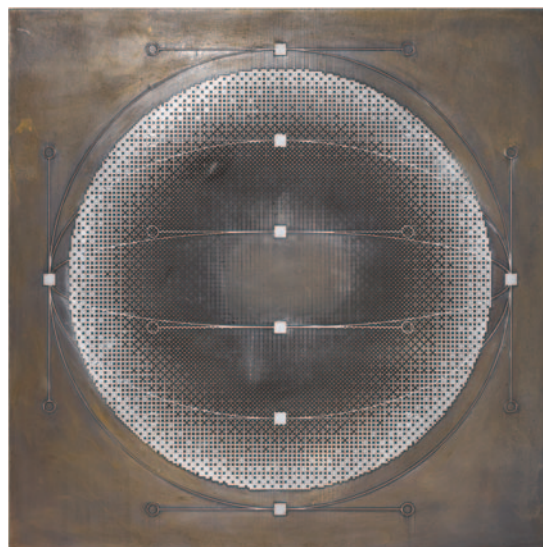
Aura Galeria

Rua da Consolação, 2767, Jardins, São Paulo / SP

Tel. e whatsapp: (11) 3034-3825

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábado, das 11h às 17h

<https://aura.art.br/exposicoes-aura/toca-obra-928rm/marcela-crosman-2024>



Metagraph II, 2024

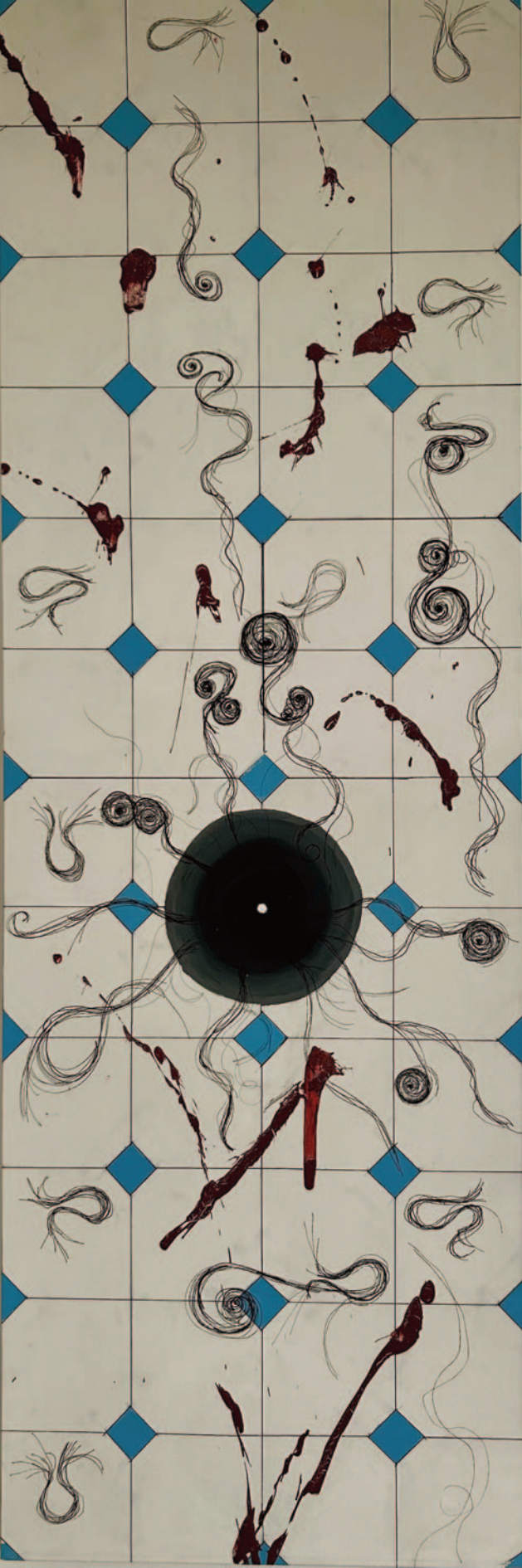
Edição: 3 + pa

Fernanda Leme apresenta panorama de sua trajetória na Z42 Arte, RJ

*Com curadoria de Alexandre Sá,
exposição “Monstros” reúne cerca de 80 trabalhos
que discutem a pintura e a fotografia
na contemporaneidade*

A mostra exhibe um panorama dos onze anos de trajetória da artista carioca Fernanda Leme. Com curadoria de Alexandre Sá, apresenta cerca de 80 pinturas, a maioria delas inéditas, produzidas a partir de 2013, que discutem a pintura e a fotografia na contemporaneidade. Partindo de sua própria vida, a artista debate, através de suas obras, questões que são comuns a todos, como a sociedade líquida em que vivemos, a fugacidade das imagens, o luto, as perdas e a saudade. “A exposição é uma crônica da nossa época, um trabalho de memória e de imagem”, conta a artista. No dia 26 de outubro, às 17h, ela fará uma visita guiada com o curador Alexandre Sá na exposição.

As pinturas partem de figuras humanas presentes em fotografias antigas, ou feitas pelo celular, ou extraídas de mídias, mas que são acrescidas de imagens de sua imaginação e memória, além de elementos do dia a dia. “As obras potencializam e atualizam o de-





O Monstro, 2013

Foto: Divulgação

bate entre pintura e fotografia na contemporaneidade, a partir da perspectiva da explosão das imagens, das selfies, da fugacidade da captura do instante e da eventual fragilidade da vivência do momento. Considerando o legado da impermanência, os trabalhos problematizam a duração das imagens e de sua inevitável obsolescência, atravessados pela experiência da artista, que também surge como uma cronista afiada”, afirma o curador Alexandre Sá no texto de apresentação da exposição.

Filha da jornalista Lúcia Leme (1938-2021), Fernanda cresceu em uma família de mulheres fortes e empode-

radas e seu trabalho reflete isso. *“Discuto o protagonismo feminino, o retrato da mulher, muitas vezes expondo a minha própria imagem”*, afirma a artista, que faz diversos autorretratos em um contraponto com as selfies da atualidade.

O nome da exposição, *“Monstros”*, foi retirado da pintura homônima de 2013 que faz parte da mostra. Nela, aparece uma pessoa capturada por dois homens encauzados e cercada por anjos e diabos. *“Eu pesquiso os monstros do nosso tempo, como o peso e a grandeza da História da Arte, por exemplo, além do peso do luto e das perdas”*, conta a artista. *“O título da exposição, consideravelmente irônico, nos pergunta em que medida a monstruosidade angustiada de captura do presente nos sufoca e enjaula em uma fantasia de liberdade, nos questionando inclusive sobre a monstruosidade do próprio legado da pintura na História da Arte”*, ressalta o curador.

PERCURSO

Logo na entrada da exposição há um grande painel com 56 pinturas em formato 30cmx40cm, que fazem uma analogia com as fotos 3x4, onde a artista retrata rostos de mulheres de sua convivência e também anônimas, produzidas desde 2014 até hoje. *“É um working in progress, que não termina nunca, vou sempre acrescentando mais rostos”*, conta. Os trabalhos remontam o período anterior ao surgimento da fotografia, em que os artistas pintavam retratos das pessoas para que aquela imagem fosse eternizada como uma foto, e fazem um contraponto com a atualidade. *“Discuto a so-*



Fim da Infância II, 2013

Foto: Divulgação



No Trem, 2018

Foto: Divulgação

cidade líquida, a rapidez com que tudo acontece – as milhares de selfies que são feitas e na maioria das vezes descartadas, sem sequer serem impressas. A pintura, ao contrário, tem um tempo para ser feita”, ressalta a artista.

Na sala seguinte, as obras da série “*Fim da Infância*”: cinco trabalhos em grandes dimensões, incluindo um políptico de 2013, medindo 149cmx211cm. Nesta série os personagens são retratados ao lado de seus super-heróis favoritos. “*Esses trabalhos discutem a perda da ingenuidade, criando desconforto entre o retrato e o super-herói, que é uma coisa imaginária, uma fantasia*”, conta Fernanda.

A série “*Retratos*”, apresentada no núcleo seguinte, traz pinturas feitas a partir de retratos, mas com a introdução de novos elementos criados pela artista, além da modificação das cores originais. “*A construção de baixíssima volumetria e o acontecimento de um certo exotismo da cor, evidenciam um processo de tensionamento da imagem que, talvez, conscientemente, conhece sua perecibilidade. Se a tela historicamente é um*

suporte da duração e da presença, as personagens aqui parecem escorrer em suas memórias, como se assumissem seu tempo curto e seu inevitável esquecimento nada trágico”, diz o curador.

Os trabalhos da série “*Luto*”, de 2023, compõem o próximo segmento. Realizados quando a artista descobriu um câncer de mama, após ter perdido o irmão, a mãe e o pai também de câncer, exibem um olhar positivo para a vida. Retratando a si mesma durante o tratamento, as obras possuem cores fortes e brilhantes, passando um ar de positividade diante da situação. “*As obras aqui reunidas bordam a experiência do indizível a partir da experiência pessoal e das memórias da artista. É um conjunto vigoroso de obras que evidencia a qualidade do enfrentamento árduo diante do abismo individual cotidiano*”, afirma o curador.

Em 2023 a artista produziu “*Pente*”, obra que mostra o objeto em um fundo rosa-choque com fios de cabelo presos a ele. “*Esse foi o ponto de virada, de mutação na minha vida e na minha obra. É a conclusão de todo*



Luto II, 2023

Foto: Divulgação

o ciclo de perdas”, revela. Foi a partir dessa obra que Fernanda Leme deu início a sua série mais recente, “Morfemas”, com trabalhos mais geométricos, onde os fios de cabelo aparecem como elementos da obra, criando desenhos, como se fossem pequenos signos.

SOBRE A ARTISTA

Fernanda Leme vive e trabalha no Rio de Janeiro, onde nasceu. Arquiteta e artista visual, em 2009 ingressa na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e faz parte também da Escola Sem Sítio e do grupo de estudos Arte e

Filosofia com Paulo Sérgio Duarte. Faz parte do grupo de estudo “Em Obras”, com Alexandre Sá. Em 2017, participa da exposição itinerante *Mais Pintura!*, do Salão Abre-Alas, na galeria A Gentil Carioca. Desde então participa de várias mostras em espaços culturais no Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza e Minas Gerais.



Pente, 2023

Foto: Divulgação

SERVIÇO

Monstros – Fernanda Leme

Abertura: 3 de outubro, às 18h30

Visitação: 4 a 31 de outubro

Visita-guiada com a artista e o curador:

26 de outubro, às 17h

Z42 Arte

Rua Filinto de Almeida, 42, Cosme Velho, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 98148-8146

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 11h às 16h;

sábado, mediante agendamento

Entrada franca

MIS Campinas recebe "TERRITÓRIOS", exposição da artista visual Marcia Gadioli

Mostra reúne mais de 70 obras em vídeos, fotografia analógica e livros de artista



Como as transformações das paisagens urbanas podem afetar a memória das pessoas? Foi a partir deste questionamento que a artista visual paulistana Marcia Gadioli conduziu as pesquisas que resultaram na exposição “Territórios”.

Com curadoria de Eder Ribeiro, a mostra reúne a produção dos últimos 10 anos da artista, desde sua primeira pesquisa sobre a paisagem urbana de São Paulo, até suas últimas experimentações com meios e processos fotográficos alternativos. O conjunto é formado por mais de 70 obras produzidas em diferentes meios: vídeos, fotografia analógica e livros de artista.

Em sua trajetória artística, Marcia Gadioli se mantém comprometida com a experimentação de técnicas e materiais. “No centro desta investigação está o meio fotográfico, que se desdobra de diversas formas – fotografias impressas ou, em alguns casos, produzidas artesanalmente, por transferência sobre papéis transparentes, ou ainda sobre parafina, ob-

Tecido
Foto: Divulgação



Histórias (miolo)

tendo-se assim, por sobreposição, novos sentidos e visualidades”, comenta o curador Eder Ribeiro.

“O olhar apurado da artista e os vários tipos de suportes que ela utiliza tornam a exposição dinâmica e instigante para o público, além de promoverem uma transformação sutil no espaço da mostra”, comenta o arquiteto Marcelo Salles, responsável pela expografia de “Territórios”.

Os trabalhos da exposição surgem da combinação de imagens coletadas em álbuns da própria família Gadioli com outras produzidas pelo olhar da artista sobre as transformações urbanas, além de imagens e narrativas encontradas em recortes de jornais impressos.

SOBRE A ARTISTA

Marcia Gadioli é artista visual e pesquisa as consequências das alterações urbanas na memória do indivíduo. Utiliza a fotografia como linguagem principal, assim como a captura digital, a apropriação de imagens do jornal, de fotografias antigas do acervo familiar e vernaculares para estabelecer conexões entre a memória pessoal e a coletiva. Atualmente integra grupo de estudos com orientação de Sylvia Wernek.

Formada no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, expõe em salões de arte contemporânea, gale-



Foto: Divulgação

rias e espaços culturais desde 2005. Criou e dirige, em parceria com o curador e crítico de arte Marcelo Salles, a Casa Contemporânea, espaço cultural independente localizado em São Paulo onde vive e trabalha.

SERVIÇO

"Territórios", de Marcia Gadioli

Até 31 de outubro

Museu da Imagem e do Som (MIS) Campinas
Rua Regente Feijó, 859, Centro, Campinas / SP
Tel.: (19) 2515-7261

Conversas com o público:

19 de outubro, às 11h – conversa com o arquiteto Marcelo Salles

31 de outubro, encerramento, às 17h – conversa com a artista Marcia Gadioli

Dias/Horários: de terça a sexta, das 12h às 18h30;
sábados, das 10h às 16h; visitas guiadas, das 10h às 12h
ou das 14 às 16h

Datas em que o MIS não funcionará: 12/10 (feriado nacional) e 28/10 (dia do servidor público)



Da série *Memoriar*

Foto: Divulgação

“HISTÓRIAS PARTICULARES” DE MONICA BARKI

Esculturas de cerâmica de Monica Barki são apresentadas ao público pela primeira vez na Galeria Patricia Costa, RJ. A exposição tem curadoria de Vanda Klabin



Desfile das atrevidas

Foto: Divulgação

Desenhista, pintora, gravadora, performer e artista multimídia, Monica Barki compõe sua trajetória artística transitando entre suportes diversos. Em “Histórias

Particulares”, mostra individual que será inaugurada no dia 10 de outubro na Galeria Patricia Costa, Rio de Janeiro, ela surpreende ao exibir esculturas de

cerâmica, “*poéticas e fabulares*”, como descreve Vanda Klabin em seu texto curatorial. Produzidas entre 2022/2023, as peças apontam um caminho nunca antes enveredado ao longo da carreira iniciada no final da década de 1970. Pinturas em acrílica e óleo sobre tela complementam a seleção de obras em exposição.

Monica Barki teve seu primeiro contato com o barro em 1986, nas aulas de cerâmica com Celeida Tostes, na EAV-Parque Lage. Inquieta e curiosa, décadas mais tarde, em 2020, resolveu colocar a mão na massa.

“Tive vontade de mergulhar na fisicalidade da matéria, trabalhar com as duas mãos simultaneamente, espremendo o barro, me surpreendendo com o que surgia. Sem racionalizar, apenas sentindo o barro. Pouco a pouco ele foi, por si só, me mostrando um caminho. Aconteceu algo bem particular nesse processo. Trabalhando no ateliê com meus netos, eles foram me ensinando a beleza da simplicidade no fazer. As formas sinceras e expressivas das crianças me inundam de vitalidade para seguir minha pesquisa de criação”.

“GERMINAÇÕES”

De pequenas esculturas figurativas em tom onírico, Monica foi agrupando materiais à cerâmica. Uma explosão dentro do forno fragmentou uma escultura de grandes proporções já em fase de finalização. A partir dos fragmentos, de cacos em cacos, criou a série “*Germinações*” das esculturas apresentadas na exposição. Os nomes são instigantes, bem como a proposta de cada uma delas: “*Mergulho Ornamental*”, “*Desfile das*



Susie Von Juice (esperando Antonio)

Foto: Divulgação

Atrevidas”, “*Germinando Falantes*”, “*Susie Von Juice*”, “*No Vale das Lágrimas*”, “*Mami*”, “*O Boa-vida*”, “*Nowhereman*”, para exemplificar, tiveram incorporados elementos como rasgos de meias de seda, nacos de veludo, pedaços de arame, seixos de rio... “*Romance*”, cerâmica esmaltada com borracha pigmentada, ganha ainda mais ludicidade girando sobre um disco motorizado. Cada caco revelou uma história do que havia sido inteiro, através do acúmulo das ca-



Denise e sua beleza clássica

Foto: Divulgação

madras com suas diferentes colorações, do interior até o acabamento da superfície.

“Após compreender o processo de superação e transmutação do incidente ocorrido, resolvi me apropriar da destruição como parte da criação. Assimilei, a partir desse ato performático, um viés feminista às minhas composições, inerente à minha formação. Adotei a quebra intencional de elementos domésticos, canalizando essa energia como uma forma de exorcizar lembranças que eu mesma precisava digerir”, diz Monica Barki.



Mergulho ornamental II

Foto: Divulgação

* As experimentações artísticas de Monica Barki emergem de um imaginário de universos pessoais, repletos de percepções alternativas que reconfiguram o nosso olhar ao invocar uma atmosfera onírica e evidenciar uma subjetividade que orbita em torno de significados múltiplos. Representam pluralidades poéticas e fabulares, dispostas em leituras distintas que parecem nortear o caráter diversificado de seu território visual. Depois de um trabalho autoral ter se partido no forno de queima de cerâmica, Monica Barki passou a utilizar os resíduos para materializar as novas representações nos seus procedimentos artísticos. A artista expandiu os seus meios de expressão e seus

tipos de suportes que agora gravitam em torno de rupturas de um mundo codificado, um verdadeiro labirinto. Os objetos adquirem uma outra identidade ao perder a sua própria história; são resíduos de algo que se partiu e agora se organizam pela junção de outros elementos como recurso compositivo – cacos de porcelana, pedras, conchas, bobs, grampos de cabelo, meias de náilon femininas, madeira, ferro ou objetos de sua vida cotidiana, como se fossem pedaços imediatos do mundo.

Ao construir cenas que habitam o seu campo visual, Monica cria uma espécie de conjunto sólido com acumulações que produzem um estranhamento entre o eu e o outro, tais como a voracidade das bocas unificadas como um só corpo. Esses elementos vão se ordenando por meio de colagens, justaposições, relevos ou ‘assemblages’ e apontam novas sensibilidades estéticas para o entendimento do seu pensar, submetido a uma leitura de suas recordações subterrâneas que se tornaram o centro das narrativas de seu fazer artístico. Um universo enigmático e único.

***Trecho extraído do texto curatorial de Vanda Klabin.**

SERVIÇO

“Histórias Particulares” – Monica Barki

Abertura: 10 de outubro, das 18h às 21h

Visitação: de 11 de outubro a 9 de novembro

Galeria Patricia Costa

Av. Atlântica, 4.240/lojas 224 e 225, Copacabana,
Rio de Janeiro / RJ

Tels: (21) 2227-6929 / 98868-1993

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 11h às 19h;

sábados, das 11h às 17h

Classificação livre | Entrada franca

Contatos: www.galeriapatriciocosta.com.br

[@galeriapatriciocosta](https://www.instagram.com/galeriapatriciocosta)



Monika Barki e Germinando falantes

Foto: Clarice Rito

“EXPANSIVOS”, DE MARCUS VINICIUS



Expansivo Horizontal

Foto: Divulgação

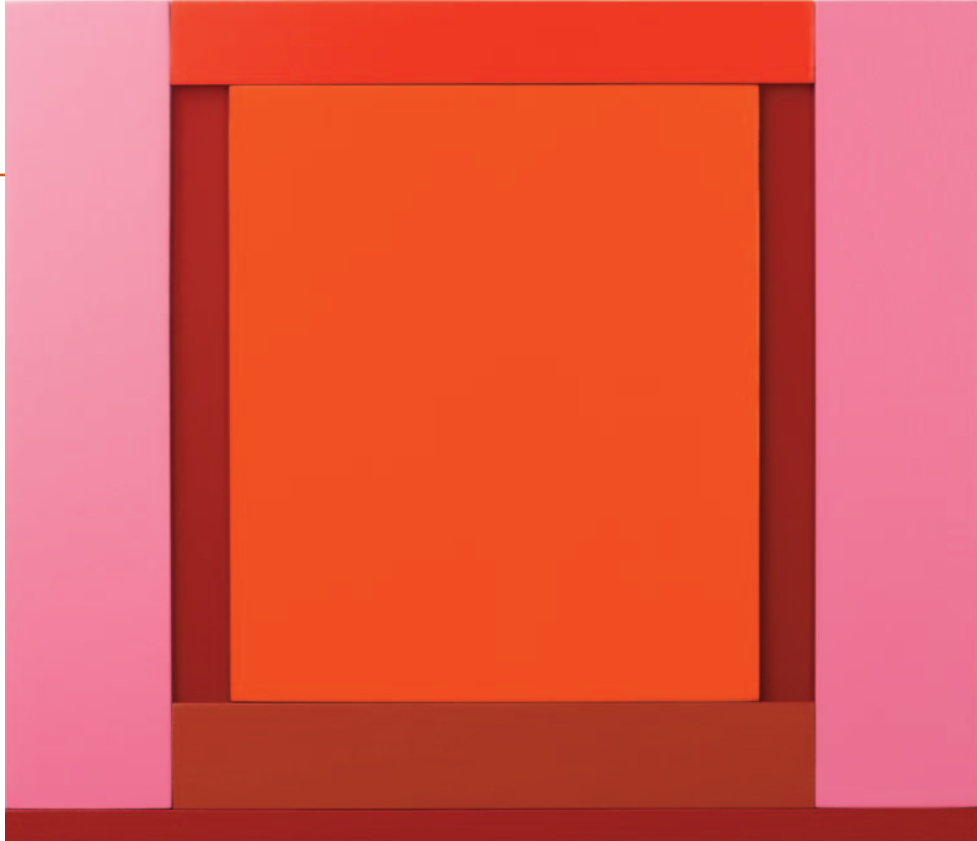
A série de trabalhos em exposição individual na OÁ Galeria, Vitória, ES, representa uma busca incessante por unidade e renovação da forma, onde cor, estrutura e espaço dialogam de maneira inovadora

A OÁ Galeria apresenta a exposição *Expansivos*, do artista Marcus Vinicius. A série iniciada em 2006 explora as propriedades expansivas do espaço pictórico por meio da cor e seus contrastes. As obras revelam uma jornada artística que começou na infância, com a influência de uma tradição familiar na marcenaria.

Os trabalhos aprofundam a pesquisa do artista sobre o conceito de "*Estrutura Quadro*", uma estrutura conceitual que parte de formas retangulares ou quadradas,

preservando o caráter bidimensional da obra. As peças, construídas em MDF e pintadas com tinta acrílica, ganham um toque único com a inserção de vidros incolores de 3 mm pintados com esmalte de cura a frio, gerando uma interação entre a superfície opaca da pintura e o reflexo do vidro.

A exposição explora a fragmentação do plano através de uma estrutura modular, criando contrastes cromáticos e desafiando a simetria estável pela incorporação



Expansivo
Foto: Divulgação

de reflexos e pela distribuição inteligente das cores. A robusta estrutura do quadro amarra a composição e impõe uma forte presença física, enquanto os vidros, ao refletirem o entorno, questionam o espaço e a cor que vemos, ampliando a percepção do observador. Cada obra carrega uma força individual, criando a sensação de que o artista esgota todas as possibilidades visuais em cada uma delas, para logo em seguida se deparar com a necessidade de reinventar-se.

PROCESSO CRIATIVO

A partir da ideia de “*Estrutura quadro*”, conjunto de regras criadas por ele mesmo para guiar o seu processo de produção, Marcus Vinicius explora as propriedades de materiais e cores industriais. Seus quadros dialogam com o universo da indústria, sem, no entanto, estarem de todo entregues a ele. Regidos pela ordem da produção em série e das combinações matemáticas, podem

se apresentar inicialmente impessoais e herméticos, mas, sob um olhar mais atento, revelam a complexa relação entre os seus elementos. Sua feitura é, desde o início, administrada por uma inteligência do sensível: as formas, combinações de cores e variação de materiais são cuidadosamente escolhidas e pensadas pelo artista, que os articula na busca pelo ajuste de uma química interna do quadro.

O vidro, por exemplo, é convocado por sua propriedade reflexiva e pela dúvida que seu efeito óptico pode gerar à visão do observador. Não se trata da transparência pura e simples, mas sim da opacidade, das artimanhas visuais. Por outro lado, o uso da tinta sobre madeira em cores tão frequentemente observadas no cotidiano da cidade criaria um terreno seguro para a visão – estaríamos certos do que nosso olho vê –, mas o atrito entre cores distintas acaba por gerar alguma vertigem,

terceiras cores que são percebidas só virtualmente. Marcus Vinicius está interessado pela pintura, por aquilo que pode acontecer no espaço bidimensional, mas também por aquilo que pode ser gerado na terceira dimensão. Não somente seus efeitos ópticos, mas suas experiências físicas, através dos suportes geométricos em madeira ou alumínio construídos por ele mesmo em sua oficina.

SOBRE O ARTISTA

Marcus Vinicius (SP, 1963) é licenciado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo e inicia sua participação em exposições no Brasil no início dos anos 1990. Participou de diversas exposições individuais e coletivas desde o início dos anos 1990, desta-

cando-se: Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil; MAC-USP – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Brasil; Centro Cultural Maria Antônia, São Paulo, Brasil; Centro Cultural UFMG, Belo Horizonte, Brasil; Centro Cultural São Paulo, Brasil; Espaço Cultural Casa da Ribeira, Natal, Brasil; MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto, Brasil.

SERVIÇO

Expansivos, de Marcus Vinicius

Abertura: 1º de outubro, terça-feira, das 19h às 21h

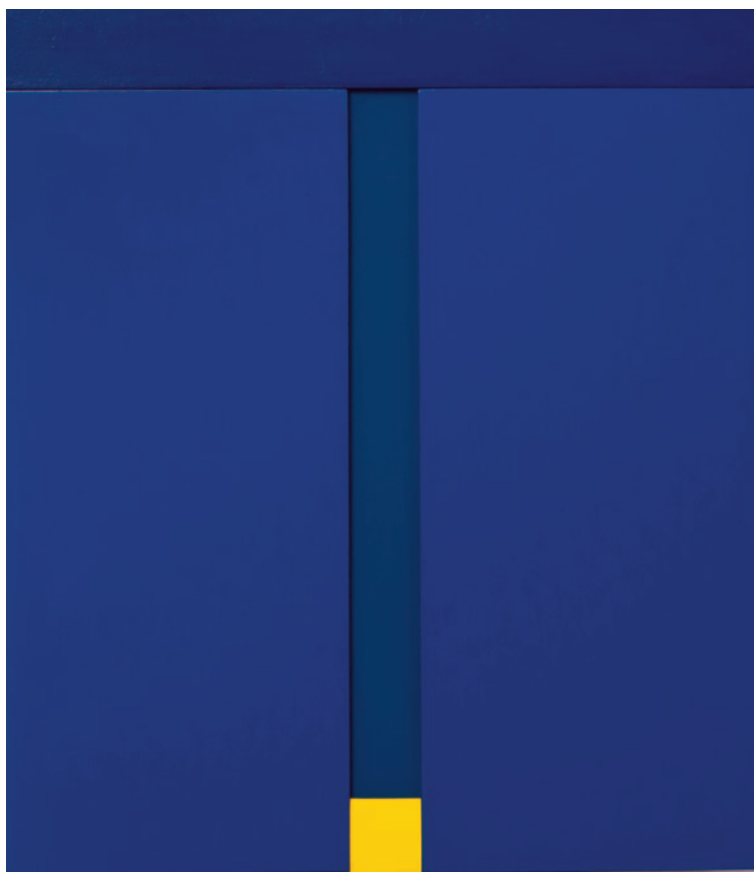
Período de exposição: 2 de outubro a 6 de dezembro

OA Galeria

Av. César Hilal, 1180, loja 9, Praia do Suá, Vitória / ES

Tel.: 27 99944-5001 | E-mail: contato@oagaleria.com.br

Dias/Horários: segunda a sexta (exceto feriados), das 10h às 19h



Expansivo
Foto: Divulgação



Untitled 20

Fotos: Thales Leite

“SÓLIDO VOLÁTIL”, DE LUCIANA RIQUE

Exposição apresenta obras inéditas, com novas técnicas e uma escultura

Pela primeira vez, a artista Luciana Rique apresenta diferentes tipos de obras, além da fotografia. *“Sólido Volátil”*, exposição em seu espaço, no Leblon, Rio de Janeiro, com curadoria de Eder Chiodetto, fez parte do roteiro da ArtRio. A mostra conta com 31 obras produzidas pela artista em diferentes lugares do mundo. São criações que remetem, segundo ela, à situação ‘sólido’, ‘volátil’, uma contradição que inspira reflexão.

“Sólido é meu trabalho, o real, minha história de vida, imagens que crio do subconsciente, de traumas, e que formam a base onde encontro forças para reagir. Volátil é a transmutação da arte que criei, fazendo ela se tornar equilibrada, a solidez que me oprime”, relata Luciana. E é por meio desse sentimento, que permeia o coração e a alma da artista, que ela fala sobre sua exposição, usando também como canal, um poema homônimo, escrito por ela e que acompanha a mostra.

Elementos como fórmica e vidro, aplicados sobre as obras, saem do lugar de proteção e passam a integrar os trabalhos apresentados em *“Sólido Volátil”*. Vidros jateados que criam jogos de luz e sombra e manifestam a volatilidade e a vulnerabilidade desse sólido, assim como uma parte geométrica e mais escura da obra que recebe uma placa de fórmica, cirurgicamente recortada de modo que excessos não se sobreponham à forma original, dão a dimensão e o tom dessas criações. Desse modo, para Eder Chiodetto, *“a fotografia passa a ser objeto, o vidro se torna obra, o reflexo e a opacidade revelam como as luzes incidentais moldam nossa percepção do mundo.”*

O curador ainda pontua que em *“Sólido Volátil”* a artista segue partindo de imagens fotográficas, e complementa: *“Luciana expande o uso da fotografia, buscando agora um diálogo das imagens com materiais*

que criam tensões e distensões no corpo das obras, resultando em peças nas quais a leveza, o equilíbrio e um premente estado de fruição sensorial dão a tônica que impulsiona esse desejo de transmutação.”

Outra novidade apresentada por Luciana na exposição é a escultura que nasce a partir de uma fotografia. A agulha que outrora estava apenas impressa em pigmento mineral, ganha contornos reais e passa a existir enquanto corpo sólido, dentro de uma caixa de acrílico. Acoplado com vidro reflectante em um dos lados e com uma sutil transparência, a composição da obra, que é única, faz parecer levar o fino objeto metálico alocado na parte central.

SOBRE LUCIANA RIQUE

Luciana Rique, 46, é formada em economia pela New York University (2011) e tem a arte da fotografia como profissão. Tudo começou em Nova York onde fez diversos cursos sobre o ofício e, já com algum conhecimento na bagagem, mudou-se para Paris onde estudou na Speos – e trabalhou como assistente do fotógrafo Jean Pierre Dutilleux. Inspirada num viés meditativo, suas obras tangenciam o minimalismo e a questões conceituais ligadas à herança modernista da fotografia.

SERVIÇO

Sólido volátil, de Luciana Rique

Até 23 de novembro

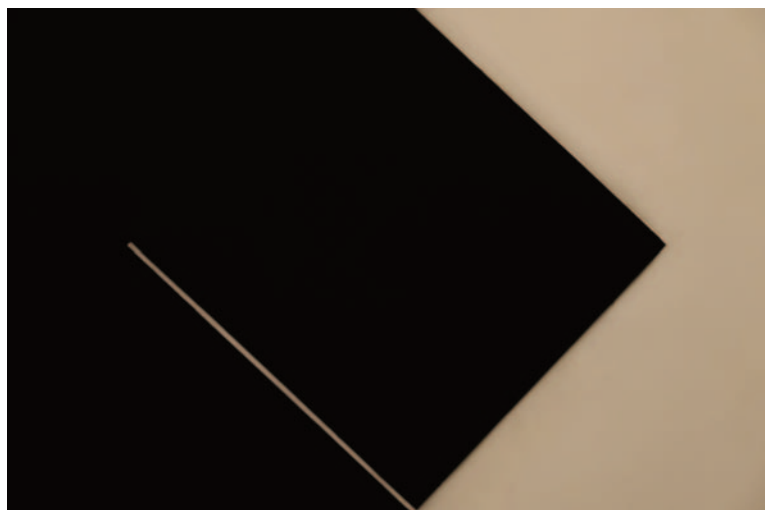
Atelier Luciana Rique

Rua General Artigas, 340 / 301, Leblon, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sexta-feira, das 14h às 18h;

sob agendamento através do e-mail:

contato@lucianarique.com



Untitled 5

Fotos: Divulgação



Untitled 1

Fotos: Divulgação



Untitled 16

Fotos: Divulgação



Paraíso Tropical, 2017

Foto: Bruno Leão, Estúdio em Obra

ROSANA PAULINO celebra 30 anos de carreira com a exposição "NOVAS RAÍZES", na Casa Museu Eva Klabin, RJ

*Aberta a visitação gratuita de quarta a domingo, a mostra reúne trabalhos
exclusivos criados a partir do acervo da Casa, na Lagoa, RJ*

Com uma trajetória única e influente, Rosana Paulino traz à tona discussões sobre memória, natureza, identidade e história afro-brasileira na exposição *"Novas Raízes"*. Os trabalhos expostos são resultado de uma longa pesquisa acerca da arquitetura e do acervo da Casa Museu Eva Klabin, na Lagoa, propondo a separação conceitual entre os dois andares. Com o objetivo de celebrar os 30 anos de carreira da artista paulistana, *"Novas Raízes"* poderá ser visitada gratuitamente de quarta-feira a domingo até 12 de janeiro de 2025.

A individual de Rosana Paulino é a primeira no Rio de Janeiro após a sua exposição no Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires, o MALBA. Com a mostra, Rosana se tornou a primeira mulher negra a ter uma individual exposta no museu argentino, que apresentou um olhar retrospectivo da trajetória da artista.

"Esta é uma oportunidade única de ver a obra de Rosana Paulino em diálogo direto com um acervo clássico, propondo assim uma revisão histórica e epistemológica aos olhos do visitante", afirma o curador Lucas Albuquerque, sobre a combinação do acervo fixo da casa com as obras da artista. *"Rosana pretende que esta exposição tenha um caráter educativo bem acentuado, questionando sobre como podemos repensar a produção contemporânea em diálogo com novas leituras de mundo, este bem diferente daquele deixado por Eva Klabin há mais de trinta anos"*, complementa.

Os cômodos do térreo serão dedicados a produções que expõem a relação entre a arquitetura e botânica, com desenhos, colagens e instalações. As obras da série



Ama de Leite, detalhe, 2007

Foto: Bruno Leão, Estúdio em Obra

"Senhora das Plantas" (2022-2024), integrante da 59ª Bienal de Veneza, se juntam a outros trabalhos que visam romper a separação entre dentro e fora, com plantas tomando as diferentes salas. Rosana chama a atenção para a incisiva separação entre o ambiente doméstico e o jardim, fruto de uma corrente de pensamento europeu que aponta para a necessidade de domar a natureza.

Os cômodos do segundo andar tangenciam uma discussão sobre a vida privada de mulheres negras ao longo da história. Obras como *"Paraíso tropical"* (2017),



Ama de Leite, detalhe, 2007

Foto: Bruno Leão, Estúdio em Obra

"Ama de Leite" (2007) e *"Das Avós"* (2019) resgatam fotografias e símbolos da história afro-brasileira, tecendo uma reflexão sobre a subjugação dos corpos às políticas de apagamento resultantes do modelo escravocrata vivido pelo Brasil Colônia. Fazendo uso de tecidos em voil, fitas, lentes, recortes e outros objetos, Paulino propõe a preparação de um ambiente de descanso para todas as mulheres negras vítimas da história brasileira, em especial Mônica, a ama de leite fotografada por Augusto Gomes Leal em 1860, uma das poucas que tiveram o seu nome conservado ao longo da história.

A obra que marcou o início da produção da artista paulistana, integrante da coleção da Pinacoteca do Estado de São Paulo, também estará exposta. *"Parede da Memória"* (1994) exhibe centenas de retratos em preto e branco da família de Rosana impressos em patuás, pequenas almofadas de tecido usadas como amuleto

em religiões afro-brasileiras. Este trabalho dialoga com as instalações criadas exclusivamente para o contexto da Casa Museu Eva Klabin, em que há o uso de tecidos impressos com retratos históricos da população afro-brasileira, propondo a reflexão a respeito da relação entre memória e apagamento, e da representação do negro na história da arte.

"Novas Raízes" é uma iniciativa da Casa Museu Eva Klabin, com produção da AREA27, patrocínio da Klabin S.A e realização do Ministério da Cultura. Conta com o apoio da Atlantis, Everaldo Molduras e Galeria Mendes Wood.

SOBRE ROSANA PAULINO

Rosana Paulino (São Paulo, 1967) vive e trabalha em São Paulo. Seu trabalho é centrado em torno de questões sociais, étnicas e de gênero, concentrando-se

em particular nas mulheres negras da sociedade brasileira e nos vários tipos de violência sofridos por esta população devido ao racismo e ao legado duradouro da escravidão. Paulino explora o impacto da memória nas construções psicossociais, introduzindo diferentes referências que intersectam a história pessoal da artista com a história fenomenológica do Brasil, tal como foi construída no passado e ainda persiste até hoje. A sua pesquisa inclui a construção de mitos – não só como pilares estéticos mas também como influenciadores psíquicos. Paulino – cuja produção artística é inquestionavelmente fundamental para a arte brasileira – produziu uma prática de reconstrução de imagens e, para além disso, de reconstrução da memória e das suas mitologias.

SOBRE O CURADOR, LUCAS ALBUQUERQUE

Lucas Albuquerque (1996, São João de Meriti, RJ) é bacharel em História da Arte e mestre em Processos Artísticos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi coordenador curatorial da Casa Museu Eva Klabin (Rio de Janeiro), produzindo diálogos entre seu acervo e arte contemporânea. Foi curador-organizador da Galeria Aymoré (Rio de Janeiro). Como curador do programa de residências artísticas do Instituto Inclusartiz (Rio de Janeiro), trabalhou estabelecendo conexões com artistas, curadores e pesquisadores entre Brasil e Reino Unido (Delfina Foundation), França (Frac Bretagne), Espanha (Homessessions) e Holanda (Rijksakademie). Realizou a curadoria das exposições *“Muamba: brazilian traces of movement”* (2023), na Ruby Cruel (Londres, U.K.); *“Whispers from the South”* (2023), na Lamb Gallery (Londres); *“Ustão”* (2023) e

“Ultramar” (2023), na Casa Museu Eva Klabin (Rio de Janeiro); *“O Sagrado na Amazônia”* (2023), com Paulo Herkenhoff; *“Gamboa: nossos caminhos não se cruzaram por acaso”* (2022), no Instituto Inclusartiz (Rio de Janeiro); e *“Futuração”* (2021), na Galeria Aymoré (Rio de Janeiro); além de outras individuais e coletivas.

SERVIÇO

“Novas Raízes” – Rosana Paulino

Até 12 de janeiro de 2025

Casa Museu Eva Klabin

Av. Eptácio Pessoa, 2480, Lagoa, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: quarta a domingo, 14h às 18h

Entrada gratuita | Classificação livre



Foto: Henk Nieman

Rosana Paulino

TERRA DE GIGANTES

Mostra exalta a força de artistas
e lideranças negras e indígenas, no Sesc São Paulo



Foto: Divulgação

Imersiva e interativa, a videoinstalação com concepção e curadoria de Daniel Lima ocupa o espaço expositivo do Sesc Casa Verde com cenas de personalidades como Davi Kopenawa Yanomami e Naruna Costa

Com concepção e curadoria do artista, editor e pesquisador Daniel Lima, a mostra se desdobra em uma videoinstalação composta por onze cenas, incluindo intervenção poética e ateliê educativo, que exaltam as forças simbólicas e mitológicas interseccionais entre as culturas negras e indígenas no Brasil.

Repleta de recursos audiovisuais desenvolvidos especialmente para promover uma vivência interativa, sensorial e singular, a mostra tem como inspiração atrações de parques temáticos como trem-fantasma e labirinto de espelhos. Ao longo do percurso, o espectador é provocado por uma série de projeções geradas a partir de sensores óticos acionados por presença: às vezes gigante, às vezes minúsculo, em um trajeto de luzes e vislumbres fantásticos evocados por personagens, performances, entrevistas e criações visuais.

São protagonistas das cenas 12 artistas, coletivos e lideranças: Katú Mirim, rapper indígena paulista; Davi KopenawaYanomami, importante liderança yanomami e autor do livro *“Queda do Céu”*; Legítima Defesa, coletivo de atores e atrizes negros; Naruna Costa, atriz, cantora e diretora teatral que interpreta o texto *“Da Paz”*, de Marcelino Freire; Jota Mombaça, artista performática; Jonathan Neguebites, dançarino de passinho carioca; Daiara Tukano e Denilson Baniwa, artistas da cena da arte indígena contemporânea brasileira; a presença musical central de Naná Vasconcelos; cantos gravados por Juçara Marçal e Daiara Tukano, além da intervenção poética de Miró da Muribeca, poeta e performer pernambucano.

“‘Terra de Gigantes’ tem como proposição cruzar essas gerações de artistas negros e indígenas para questionar um ideário brasileiro contemporâneo, reivindicando outra imagem de Brasil, não a criada pelo Modernismo a partir da perspectiva branca”, defende Daniel Lima.

Segundo o curador, a exposição nasceu de um processo de pesquisa, autoeducação e investigação sobre o quilombismo que começou há anos, em projetos anteriores capitaneados por ele, como *Quilombo Brasil*, e a videoinstalação *Palavras Cruzadas* (2018/19), que deram as bases técnicas e poéticas do projeto atual.

“‘Terra de Gigantes’ é uma expressão de questionamentos sobre o momento histórico que vivemos. Um documento vivo de forças que nos constituem como sociedade contemporânea no Brasil. A videoinstalação investe também na representação das forças opressivas que nos cercam como fogo ao redor. Em contraste, posicionamos as linhas de resistências articuladas neste imaginário político-poético”, conclui o curador.

INTERAÇÃO E ACESSIBILIDADE E DESTAQUES

Um dos destaques da exposição, cujo gigantismo simboliza seu título, a intervenção de Davi Kopenawa Yanomami surge projetada em uma escala aumentada em 800%. A partir de excertos de seu livro *A Queda do Céu*, Kopenawa fala sobre a força de resistência que existe não só em sua figura, mas na cultura do povo yanomami que, simbolicamente, por meio da dança de seus xamãs, garante que o céu permaneça sobre as cabeças e não caia.



Davi Kopenawa
Yanomami
Foto: Gil Souza

Terra de Gigantes conta com recursos de acessibilidade como mapa tátil, legendas em braile, tinta ampliada, audiodescrição, videoguia, audioguia e recursos tecnológicos como o vibroblaster, que transforma o áudio em vibrações sensíveis. A exposição conta também com um ateliê educativo aberto ao público com atividades mediadas e um espaço de leitura.

SOBRE O CURADOR

Nascido em Natal (RN), em 1973, Daniel Lima é artista, curador, editor e pesquisador. Bacharel em Artes Plásticas, mestre em Psicologia Clínica, doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo e integra o laboratório Lab Arte Mídia. Desde 2001, cria investigações-ações em pesquisas relacionadas à mídia, questões raciais, resistências coletivas e análises geopolíticas. É integrante fundador de diversos coletivos, entre eles a Frente 3 de Fevereiro. Recentemente foi

agraciado com o 64º Prêmio Jabuti (2022), como editor na categoria “Artes”.

SOBRE OS ARTISTAS

DaiaraTukano

Nascida em São Paulo, Daiara Hori Figueroa Sampaio – Duhigô, do povo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, clã Eremiri Hãüsiro Parameri do Alto Rio Negro na Amazônia brasileira, é artista, ativista, educadora e comunicadora. Graduada em Artes Visuais e mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB), pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas. Ganhadora do Prêmio PIPA Online 2021, organizado pelo Instituto PIPA, um dos mais relevantes prêmios brasileiros de artes visuais.

Davi KopenawaYanomami

Liderança reconhecida internacionalmente em sua luta pela defesa do território, foi tradutor e chefe de posto da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). Por sua atuação recebeu o prêmio Global 500 da ONU e diversas outras homenagens nacionais e internacionais, como o prêmio Itaú Cultural 30 anos, em 2017. É doutor Honoris-Causa pela Unifesp, título outorgado em março de 2023. Autor do livro *A Queda do Céu*, é codiretor do documentário experimental *Xapiri* e assina o roteiro do filme *A última Floresta* em parceria com Luiz Bolognesi.

Denilson Baniwa

Nascido em Mariuá, às margens do Rio Negro, no Amazonas, é artista visual e comunicador e desenvolve seus processos artísticos e sociais a partir do Movimento Indígena Amazônico, também com trânsito pelo universo não-indígena.

Jonathan Neguebites

Nascido em Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro, Neguebites conquistou o Brasil e o mundo como dançarino e professor. Ficou conhecido em 2016, quando começou a ganhar suas primeiras Batalhas de Passinho, conquistando quatro delas como campeão. Hoje ele é um dos mais expressivos artistas que compõem o coletivo de funk carioca.

Jota Mombaça

Artista e escritora indisciplinar, cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance, sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero. Já apresentou trabalhos em diversos contextos institucionais, como as 32ª e 34ª Bienal de São Paulo, 10ª Bienal de Berlim, 22ª Bienal de Sydney e 46º Salão Nacional de Artistas da Colômbia. É autora do livro *Não Vão Nos Matar Agora*, publicado em Portugal, em 2019, pela EGEAC e no Brasil, em 2021, pela Editora Cobogó.

Juçara Marçal

Cantora do grupo Metá Metá, integrou os grupos Vésper Vocal, A Barca e Ilú Oba De Min. Em 2014, lançou *Encarnado*, seu primeiro disco solo. Naquele mesmo ano o álbum foi vencedor do Prêmio APCA, na categoria Melhor Álbum, e ganhou o Prêmio Governador do Estado, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, como o Melhor Álbum na escolha do júri. Em 2021 lançou seu segundo disco solo e mais recente trabalho autoral, *Delta Estácio Blues*.

Katú Mirim

Mulher lésbica, indígena, rapper, compositora, atriz e cri-



De cima para baixo:
Denilson Baniwa, Jonathan Neguebites e Jota Mombaça
Fotos: Gil Souza



adora de conteúdo, é reconhecida por suas letras que reconta a história da colonização pela ótica indígena e aborda temáticas que atravessam sua vida, identidade, gênero, lesbianidade e maternidade. Em 2017, ano em que lançou seu single de estreia *Aguyjevete*, viralizou com a hashtag #indionaoefantasia. Ainda em 2017, fundou o movimento VI – Visibilidade Indígena, que luta pelos direitos e representatividade dos povos originários.

Legítima Defesa

Formado em 2015, o grupo de artistas, atores, atrizes, DJs e músicos de ação poética e política tem como foco a reflexão e representação da negritude, seus desdobramentos sociais históricos e seus reflexos na construção da persona negra no âmbito das linguagens artísticas. Em 2017, estreou o espetáculo *A Missão em Fragmentos: 12 cenas de descolonização em legítima defesa* na programação da Mostra Internacional de Teatro (MIT). Em 2019, estreou o espetáculo *Black Brecht: e se Brecht fosse negro?*, projeto contemplado pelo Prêmio Zé Renato e considerado pelo Guia da Folha como um dos mais relevantes daquele ano.



Marcelino Freire

Escritor, nasceu em 1967, em Sertânia, Pernambuco. É autor, entre outros, dos livros *Angu de Sangue* (Ateliê Editorial) e *Contos Negreiros* (Editora Record – Prêmio Jabuti 2006). Criou a Balada Literária, evento que acontece em São Paulo desde 2006, com edições em Salvador (desde 2015) e em Teresina (desde 2017). No final de 2013 publicou seu primeiro romance, intitulado *Nossos Ossos*.



De cima para baixo:
Katú Mirim, Legítima Defesa e Naruna Costa
Fotos: Gil Souza

(Record), vencedor do Prêmio Machado de Assis. Coordena oficinas de criação literária desde 2003.

Naná Vasconcelos

Nascido no Recife em 1944, e dotado de uma curiosidade intensa, indo da música erudita do brasileiro Heitor Villa-Lobos ao rock psicodélico de Jimi Hendrix, Naná aprendeu a tocar praticamente todos os instrumentos de percussão e, desde o final dos anos 1960, fez das experimentações com o berimbau sua marca registrada. Eleito Melhor Percussionista do Mundo por oito vezes pela revista Down Beat, vencedor de inúmeros prêmios Grammy, Naná deixou sua música universal em cerca de 400 gravações autorais e de artistas como Egberto Gismonti, Itamar Assumpção, Milton Nascimento, Pat Metheny, B.B. King e Chaka Khan. Ao lado de Collin Walcott e Don Cherry, formou o trio Codona.

Naruna Costa

Nascida em Taboão da Serra, em São Paulo, em 1983, a atriz, cantora e diretora é reconhecida pela valorização poética das periferias paulistanas e da presença negra no cenário cultural. Formada na Escola de Arte Dramática (EAD) da Escola de Comunicação e Artes da Universi-

dade de São Paulo (ECA/USP), Naruna é cofundadora do Espaço Clariô Taboão da Serra e do premiado Grupo Clariô de Teatro, referência da militância negra de cultura periférica de São Paulo. Também lidera o Clarianas, grupo de pesquisa de música urbana de raiz popular.

Miró da Muribeca

Nascido no Recife em 1960, João Flávio Cordeiro da Silva, Miró da Muribeca, foi um poeta e cronista urbano. Tornou-se conhecido em todo o país por suas performances singulares e seus poemas que retratam questões essenciais humanas e as injustiças sociais. Tem uma poesia marcada pelo lirismo do cotidiano e por um olhar aguçado sobre a vida nas cidades.

SERVIÇO

Terra de Gigantes

Até 22 de dezembro

Sesc Casa Verde

Avenida Casa Verde, 327, Casa Verde, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2238-3300

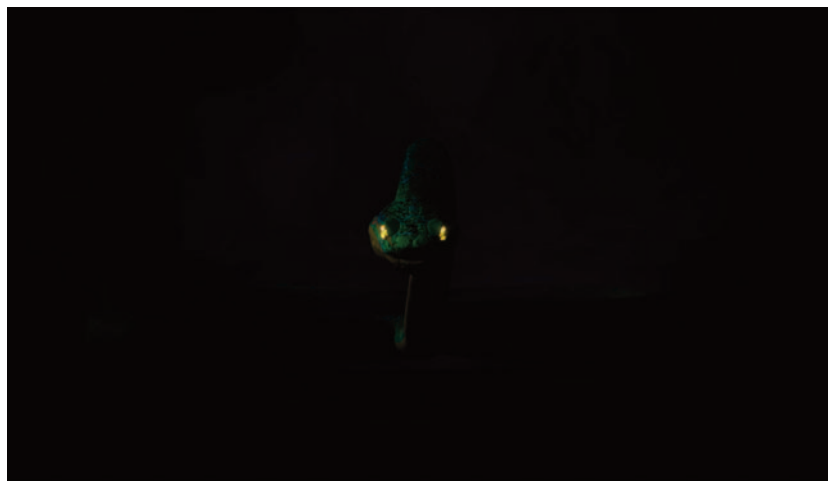
Dias/Horários: terça a sexta, das 10h30 às 18h30; sábados, domingos e feriados, das 10h30 às 17h30

Agendamentos de grupos:

agendamento.casaverde@sescsp.org.br

Classificação: livre | entrada gratuita

sescsp.org.br/casaverde



Cobra Grande
Foto: Divulgação



22ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty
acontece de 9 a 13 de outubro.

Veja a programação das mesas literárias

Ana Lima Cecilio é a curadora de 2024. Com mais de 20 anos de trabalho no universo editorial, tendo atuado em diversas áreas como edição, clubes do livro e curadoria literária, Ana Lima traz na bagagem uma vasta experiência que visa um olhar atento e direto ao público leitor – o que as pessoas andam lendo e quais autores e obras têm mobilizado encontros e discussões.

AUTOR HOMENAGEADO: JOÃO DO RIO

João do Rio foi o pseudônimo mais famoso de Paulo Barreto (1881-1921), um dos autores mais importantes do início do século XX no Rio de Janeiro. Cronista prolífico, também foi crítico de arte, escreveu romances, ensaios, contos, peças de teatro, conferências sobre dança, moda, costumes e política.

João do Rio trabalhou a vida toda em jornais e revistas. Pioneiro como repórter, criou um estilo de texto híbrido de literatura e reportagem, ficção e realidade. Mudou o modo de fazer jornalismo, fundando a crônica moderna. Na sua observação das ruas e do povo, fez coro com pensadores da passagem do século XIX ao XX que tinham a cidade como centro do pensamento, re-



João do Rio

Foto: Wikipédia

fletindo sobre o progresso, a velocidade, a formação urbana e toda a dor e a delícia dessa convivência.

O escritor que conquistou uma vaga na Academia Brasileira de Letras aos 29 anos era um personagem múltiplo: fascinado pelos salões da alta sociedade, dividia com o século a reverência por Paris e por um ideal de vida “civilizada”. Ao mesmo tempo, foi o primeiro jornalista a subir o morro ouvindo com atenção e afeto

a voz das ruas, tornando-se uma espécie de porta-voz de um povo que não tinha espaço na imprensa.

Quando deixa a redação do jornal para subir vielas, acompanhar manifestações culturais, observar de perto os hábitos de uma cidade que se transformava vertiginosamente, João do Rio fundou um modo de fazer jornalismo, numa espécie de etnografia pulsante, revelando ao leitor do jornal uma cidade que lhe era desconhecida.

Ao mesmo tempo, leitor atento e receptor das modas europeias, foi o mais fino cronista da Belle Époque

carioca, narrando os salões e recepções elegantes da alta-roda – a elite que tentava se sofisticar e imitar os estrangeiros.

O jornalista percorreu o mundo, colecionou admiradores e desafetos. Gordo, mestiço e homossexual, vestia-se como um dândi, arrumava brigas e nunca passava despercebido. Vítima de um ataque cardíaco que o impediu de completar 40 anos, ele deixou 25 livros e mais de 2.500 textos publicados em jornais e revistas.

MESAS – PROGRAMA PRINCIPAL

Quarta-feira, 09/10, 19h30

Mesa 1: As ruas têm alma: João do Rio, o convidado do sereno

Luiz Antonio Simas

Uma breve aula sobre João do Rio, a novidade da crônica, o fascínio com a cidade que ia se modernizando e também a atenção com a tradição que a construiu. Atualização do legado de João do Rio como chave para entender a contradição em que somos fundados.

Quinta-feira, 10/10, 10h

Mesa 2: A cidade contra nós

Bruna Mitrano + José Falero – mediação: Stephanie Borges

Dois nomes fundamentais na literatura brasileira contemporânea que fazem, cada um a seu modo, formas de crônicas modernas. Observação da cidade e de seus muros, com a lupa e a sensibilidade para aqueles que estão longe dos grandes centros.

Quinta-feira, 10/10, 12h

Mesa 3: Da poeira que viemos

Léonora Miano + Eliana Alves Cruz – mediação: Adriana Ferreira Silva

Duas brilhantes romancistas que, a partir da criação literária, discutem com coragem as questões mais difíceis da vida na diáspora: o racismo, a posição da mulher, o embranquecimento e a dor fun-

dadora das mulheres que se movimentam entre essa violência, mas aprendem e ensinam a resistência, a luta e a alegria.

Quinta-feira, 10/10, 15h

Mesa 4: A vida secreta das emoções

Ilaria Gaspari + Marcela Dantés – mediação: Natalia Timerman

Ilaria Gaspari é uma filósofa que olha para a história da filosofia antiga para entender o mundo e quem somos nos dias de hoje. Marcela Dantés é uma escritora que espia a psicanálise moderna para contar histórias que poderiam estar em qualquer tempo. Tudo o que vai por dentro para construir narrativas impressionantes.

Quinta-feira, 10/10, 17h

Mesa 5: Inventar na América Latina

Joca Reiners Terron + Juan Cárdenas – mediação: Noemi Jaffe

Dois dos maiores nomes da literatura latino-americana conversam sobre literatura e seus romances mais recentes, que refletem sobre como a emergência climática alcança cada canto do mundo, mesmo as pequenas cidades. Certa herança do realismo mágico, imaginação febril e absoluta destreza literária guiam suas reflexões fundamentais sobre o mundo de hoje.

Quinta-feira, 10/10, às 19h**Mesa 6: Dormindo com o inimigo**

Mark Coeckelbergh + Danny Caine – mediação: Fabiana Moraes
Inteligência artificial, política de uso de dados, escolhas de consumo: as *big techs* estão em toda parte e comandam o mundo com sua rede silenciosa. Uma mesa para refletir sobre como elas influenciam nosso modo de consumir, trabalhar, criar e viver.

Quinta-feira, 10/10, 21h**Mesa 7: Profecias do passado**

Robert Jones Jr. + Evandro Cruz Silva – mediação: Juliana Borges
No centenário de James Baldwin, dois autores trazem realidades tão diferentes que conversam sobre a herança de um passado de violência. Nos EUA, a construção de uma identidade nacional à parte, como resistência das memórias coletivas de um povo desterrado. No Brasil, a compreensão de que ainda temos muito que lidar com nossa aparente cordialidade.

Sexta-feira, 11/10, 10h**Mesa 8: A paz e o gesto**

Lisa Ginzburg + Ana Margarida de Carvalho
mediação: Adriana Ferreira Silva
A vida da mulher contada por ela mesma, sem armadilhas que a levem a discutir, mais uma vez, a maternidade ou as relações amorosas. Mulheres como criadoras de uma autonomia única e viva, mas, principalmente, de uma literatura universal.

Sexta-feira, 11/10, 12h**Mesa 9: Como enfrentar o ódio**

Patrícia Campos Mello + Felipe Neto – mediação: Fabiana Moraes
Entender o mecanismo do ódio nas redes sociais e na sociedade é o ponto central da discussão política: como as redes sociais são usadas na construção da polarização e como estamos, no Brasil e no mundo, reféns de um sistema que se alimenta desse sentimento.

Sexta-feira, 11/10, 15h**Mesa 10: Saber o passado, mirar o futuro**

Raoni + Txai Suruí – mediação: Guilherme Freitas
Uma homenagem à mais importante liderança indígena do país, que há décadas está na vanguarda da divulgação do pensamento

dos povos originários. Lado a lado com ele, Txai Suruí, jovem liderança que está pronta para levar à frente o legado.

Sexta-feira, 11/10, 17h**Mesa 11: Descobrimento ao contrário**

Micheline Verunschik + Odorico Leal – mediação: Rita Palmeira
Duas construções literárias impressionantes remontam às origens do Brasil para, ao retomar o colonialismo e a violência contra os povos indígenas, refletir sobre a formação do país que somos hoje, usando a literatura como uma forma de história, talvez a mais apta a compreender um país repleto de contradições.

Sexta-feira, 11/10, 19h**Mesa 12: Não existe mais lá**

Atef Abu Saif + Julia Dantas – mediação: Bianca Tavorali
Atef Abu Saif estava em Gaza quando começaram os bombardeios e viu a cidade em que viviam tantos amigos ser totalmente destruída e essas pessoas queridas serem mortas. Julia Dantas viu sua casa e seu bairro serem invadidos pelas águas na enchente de Porto Alegre, na primeira tragédia climática observada ao vivo por todo Brasil. O encontro entre dois diários escritos em realidades tão diferentes e brutais traz experiências de observação do fim da cidade por ações humanas.

Sexta-feira, 11/10, 21h**Mesa 13 | Zé Kleber: Rádio Novelo Apresenta Ao Vivo**

Apresentação: Branca Vianna
Reportagens: Flora Thomson-DeVeaux + Vitor Hugo Brandalise + Evelin Argenta + Natália Silva + Paula Scarpin
Música original: Stela Nesrine

O Rádio Novelo Apresenta se inspirou em João do Rio para criar um programa inédito com histórias de todo tipo sobre as ruas: histórias escondidas nas sarjetas, debaixo das pedras de Paraty e por trás das placas. Tem um crime do qual Paulo Barreto poderia ser acusado de apologia, assim como a saga de um anti-herói das ruas de todo o mundo (que talvez nem devesse estar nas ruas).

Sábado, 12/10, 10h**Mesa 14: O amor político**

Brigitte Vasallo + Geni Nuñez – mediação: Nanni Rios

Questionar os relacionamentos monogâmicos como a base de toda sociedade é o que une essas duas pensadoras, ainda que partam de experiências tão diferentes. O encontro entre a ancestralidade dos povos originários e o futuro que miramos por relações mais saudáveis.

Sábado, 12/10, 12h

Mesa 15: A eterna guerra dos sexos

Jazmina Barrera + Ligia Gonçalves Diniz – mediação: Branca Vianna
Encontro de duas ensaístas que mergulham na história da literatura para reconstruir velhos lugares comuns sobre os papéis dos homens e das mulheres. Reinventar nosso modo de entender o mundo a partir do gênero, aprendendo a ser generosos na troca do olhar.

Sábado, 12/10, 15h

Mesa 16: Sagradas e profanas

Gabriela Cabezón Cámara + Arelis Uribe – mediação: Stephanie Borges
Vidas comuns transformadas em épicos incríveis pela escrita de duas autoras de gerações diferentes, mas que renovam com audácia, pitadas de humor e muita engenhosidade a literatura latino-americana – sobretudo a escrita por mulheres.

Sábado, 12/10, 17h

Mesa 17: A memória dos homens

Mohamed Mbougar Sarr + Jeferson Tenório – mediação: Rita Palmeira

Um resgata a ancestralidade pela riqueza do legado. O outro faz uma espécie de acerto de contas. Em ambos os autores, a masculinidade, a injustiça e a eterna tentativa de contar a história pela invenção de uma memória que faça jus à história que queremos. Um elogio ao poder da palavra, à criação e à literatura.

Sábado, 12/10, 19h

Mesa 18: Anatomia do futuro

Edouard Louis – mediação: Paulo Roberto Pires

Criado num mundo de desigualdade, preconceito e conformismo, o autor francês reinventou sua vida com a literatura. Louis escreve sobre si para falar de todos nós, na convicção de que o desejo de mudança é o primeiro passo de uma vida mais justa.

Domingo, 13/10, 10h

Mesa 19: Invenção e linguagem: o romance segue

Carla Madeira + Silvana Tavano + Mariana Salomão Carrara
mediação: Adriana Couto

Quando tudo parece conspirar para que a literatura seja posta de lado, surgem livros que renovam a vocação e o talento para contar histórias arrebatadoras, que relembram que personagens e enredos nos moldam e ajudam a viver.

Domingo, 13/10, 12h

Anúncio em breve

PROGRAMA EDUCATIVO – FLIPINHA E FLIPZONA

Com espaço cada vez mais valorizado no mercado editorial, a literatura para as infâncias e juventudes segue a todo vapor na Flip com a tradicional programação de mesas literárias com autores, pés de livros, regata, apresentações artísticas e mediação de leitura.

O mercado editorial brasileiro encolheu 6% em 2023, mas a literatura infantil cresceu 7%, segundo a Nielsen

Book Data – o que representa 14% do comércio de livros no país. Depois de atuar com constância e diversidade em atividades possibilitadas pela criação da Casa Flipeira, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, nesta 22ª edição, o Educativo Flip imprime ainda mais intensidade às suas atividades.

De março para cá, autores foram convidados a visitar escolas, participar de encontros, realizar intervenções



Foto: Reprodução / Site do evento

poéticas e integrar uma programação itinerante, promovendo interações multidisciplinares, multimídia e multigeracionais, e mantendo, como estrutura viva e dinâmica, a função pública de um espaço de encontro, com especial atenção aos educadores da rede municipal de ensino e aos moradores do bairro Ilha das Cobras e entorno. Até o momento, foram contempladas 26 escolas públicas e cerca de 3.470 estudantes.

Na Central Flipinha, 24 autores encontrarão o público para falar sobre seus livros e discutir assuntos que se desdobram do tema disparador desta edição que é *“ponto de encontro”*. *“O ponto, presente tanto na matemática quanto na gramática, é peculiar: para a primeira, ele não possui dimensão ou forma, enquanto para a segunda, orienta a leitura e marca as pausas. O encontro, por sua vez, nos aproxima, nos coloca frente a frente, permitindo debates, embates e confluências. Nos pontos de encontro, linhas de pensamento se cruzam, perspectivas se tocam e corpos se encontram em abraços”*, diz Belita Cermelli, Diretora de Cultura e Educação da Flip.

PROGRAMAÇÃO 2024

Como nos últimos anos, as editoras e autores foram convidados a enviar sugestões de obras que dialo-

gassem com o tema definido pelo Educativo Flip para cada edição. Ao todo, foram enviados 810 títulos, cerca de 2.430 exemplares – o maior número desde o início desta iniciativa em 2022, quando foram recebidos 450 títulos. Em 2023, o número chegou a 631.

Na Central Flipinha, montada na tenda da Praça da Matriz, as mesas literárias começam na quinta-feira, dia 10, e acontecem em quatro horários – com exceção da quinta-feira, com o cortejo de abertura e três mesas, e no domingo, com uma sessão de filmes da FlipZona.

Entre os autores confirmados: Alexandre Rampazo, Ana Fátima, Bianca Santana, Caroline Carvalho, Clara Alves, Clara Gavilan, Claudio Fragata, Eliana Alves Cruz, Everson Bertucci, Flávia Martins de Carvalho, Geni Núñez, Gustavo Cerqueira, Jeferson Tenório, Kal Ribeiro, Kiusam de Oliveira, Luana Vignon, Luiz Antonio Simas, Manuela Navas, Otávio Júnior, Pamela Vaz, Paula Schiavon, Sofia Mariutti, Socorro Acioli, Stênio Gardel e Tino Freitas.

SERVIÇO

22ª Flip – Festa Literária Internacional de Paraty

9 a 13 de outubro

Confira a programação no site: www.flip.org.br

Ingressos disponíveis em: <https://flip.fcticket.com.br/>



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.
ANUNCIE.
Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com
(21) 3807-6497 / 97326-6868